

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

VICTOR PORTUGAL DE VASCONCELLOS VIANA

**O SENSACIONALISMO NA MÍDIA: UMA ANÁLISE DA MORTE
DE AYRTON SENNA PELA FOLHA DE SÃO PAULO**

VOLTA REDONDA

2020

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**O SENSACIONALISMO NA MÍDIA: UMA ANÁLISE DA MORTE
DE AYRTON SENNA PELA FOLHA DE SÃO PAULO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Jornalismo
do UniFOA como requisito parcial
para obtenção do título de bacharel
em Jornalismo.

Aluno:

Victor Portugal de Vasconcellos
Viana

Orientadora:

Prof^a. Ms. Rebeca Baltazar Chaves.

VOLTA REDONDA

2020



Fundação Oswaldo Aranha



FOLHA DE APROVAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso Intitulado **O SENSACIONALISMO NA MÍDIA: UMA ANÁLISE DA MORTE DE AYRTON SENNA PELO FOLHA DE SÃO PAULO**, elaborado por VICTOR PORTUGAL DE VASCONCELLOS VIANA , apresentado publicamente, através da plataforma virtual TEAMS **link: <https://web.microsoftstream.com/video/b1d9e826-3370-4422-b44e-d771fb52a2e5> conforme Resolução CONSEPE nº 067** de 24 de agosto de 2020, envio **pelo e-mail Institucional, no ambiente virtual Microsoft Teams**, perante a Banca Avaliadora, como parte dos requisitos para conclusão do curso de Jornalismo.

Aprovado em 9 de novembro de 2020

Banca Avaliadora:

Professora orientadora

Rebeca Baltazar Chaves, Mestre, UniFOA

Professor avaliador

Rodrigo Nunez Viegas, Doutor, UniFOA

Professor avaliador

Eduardo Jorge Nascimento de Oliveira, Doutor, UniFOA

DEDICATÓRIA

Dedico o trabalho para minha professora e orientadora, Rebeca Baltazar. Seu acompanhamento e ajuda foi fundamental para que eu conseguisse terminar meu TCC.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os professores que fizeram parte desta jornada de quatro anos no Centro Universitário de Volta Redonda. Todos foram fundamentais para a minha conquista e, por isso, deixo esse agradecimento para todos os docentes. Um agradecimento em especial para minha orientadora Rebeca Baltazar, que soube me guiar por todo esse longo e conturbado ano.

RESUMO

A morte de Ayrton Senna provocou uma urgência nos veículos de comunicação brasileiros. A necessidade de noticiar o falecimento do ídolo fez com que os jornais utilizassem diversas abordagens para trazer as últimas informações sobre o seu acidente. Com base na cobertura do jornal "A Folha de São Paulo", essa monografia procurou entender se houve sensacionalismo nas notícias publicadas pelo jornal sobre a morte de Senna. Para isso, a monografia teve como objetivos a seleção das matérias ligadas diretamente a morte do atleta nos três primeiros dias após seu acidente (02, 03 e 04 de maio de 1994), a verificação das fontes ao longo dos dias, a classificação das fontes utilizadas nos textos e a análise dos recursos sensacionalistas nas matérias analisadas. Após a análise, conclui-se que embora o jornal tenha utilizado de alguns recursos sensacionalistas ao longo da cobertura, a maioria de suas matérias possuíam um teor ético e profissional. Com o destaque do Brasil no automobilismo, principalmente na Fórmula 1, muitos jornalistas eram especialistas na modalidade e esse fator foi essencial para a utilização de boas fontes e o entendimento do assunto de cada matéria. Porém, o sensacionalismo também pode ser observado pelo grande número de texto publicados naquele período. Se considerarmos apenas os três primeiros dias foram mais de cem matérias publicadas.

Palavras-chaves: jornalismo impresso; Ayrton Senna; Sensacionalismo; Folha de São Paulo.

ABSTRACT

The death of Ayrton Senna caused an urgency in the Brazilian media. The need to report the death of the idol made the newspapers use different approaches to bring the latest information about his accident. Based on the coverage of Folha de São Paulo, this monograph sought to understand whether there was sensationalism in the news published by the newspaper about Senna's death. For this, the monograph aimed to select the materials directly related to the athlete's death in the first 3 days after his accident (02, 03 and 04 May 1994), to check the suites over the days, to classify the sources used in the texts and the analysis of sensational resources in the analyzed materials. After the analysis, it is concluded that although the newspaper used some sensational resources throughout the coverage, most of its articles had an ethical and professional content. With Brazil's prominence in motorsport, mainly in Formula 1, many journalists were experts in the sport and this factor was essential for the use of good sources and the understanding of the subject of each article. However, sensationalism can also be observed by the large number of texts published in that period. If we consider only the first three days, more than one hundred articles were published.

Key words: journalism; Ayrton Senna; Sensationalism; Folha de São Paulo.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 JORNALISMO IMPRESSO.....	11
2.1 Aspectos históricos da imprensa.....	11
2.2 O jornal impresso no brasil.....	14
2.3 A folha de São Paulo.....	17
2.4 Estrutura de um jornal impresso.....	18
3 – A PRODUÇÃO JORNALÍSTICA.....	21
3.1 O que é notícia.....	21
3.2 A produção da notícia: a pauta, a fonte, a apuração e o lead....	22
3.2.1 A Pauta.....	22
3.2.2 A apuração e as fontes das notícias.....	24
3.2.3 O <i>Lead</i>	26
3.3 AYRTON SENNA DA SILVA.....	26
3.3.1 Ayrton Senna – O Beco.....	26
3.3.2 Ayrton Senna do Brasil.....	28
3.3.3 Ímola, 1994.....	29
3.4 SENSACIONALISMO NA MÍDIA.....	31
4 ANÁLISE.....	34
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
6 REFERÊNCIAS.....	57

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1:.....	15
FIGURA 2:.....	16
FIGURA 3:.....	17
FIGURA 4:.....	35
FIGURA 5:.....	36
FIGURA 6:.....	38
FIGURA 7:.....	40
FIGURA 8:.....	41
FIGURA 9:.....	42
FIGURA 10:.....	43
FIGURA 11:.....	44
FIGURA 12:.....	46
FIGURA 13:.....	48
FIGURA 14:.....	48
FIGURA 15:.....	50
FIGURA 16:.....	51
FIGURA 17:.....	52
FIGURA 18:.....	53

1 INTRODUÇÃO

Em 1 de maio de 1994, Ayrton Senna sofria um grave acidente na curva Tamburelo, no Grande Prêmio de San Marino de Fórmula 1. Horas depois da batida, Senna seria declarado oficialmente morto pelo Hospital Maggiore, em Bolonha. A notícia foi impactante para o Brasil e abalou não apenas o povo brasileiro, mas também os veículos de comunicação do país.

Por muito tempo, Ayrton foi o destaque esportivo dos jornais e noticiar o falecimento do herói brasileiro seria uma tarefa árdua. Portanto, este projeto se delimita na cobertura da morte de Ayrton Senna pelo jornal “A Folha de São Paulo” entre os dias 02 e 04 de maio de 1994.

No estudo do jornalismo aprendemos que algumas notícias têm um valor maior que outras. Durante a semana que sucedeu o acidente, Ayrton foi um dos principais assuntos abordados pelo jornal “A Folha de São Paulo”. A partir da futura análise do jornal, pretende-se responder a seguinte pergunta: A Folha de São Paulo utilizou de uma linguagem sensacionalista para noticiar a morte de Senna? Perante a isso, acreditou-se na hipótese de que sim, de que o jornal usou de linguagem sensacionalista, pois utilizou textos, imagens para transformar a morte de Senna em verdadeiro espetáculo.

Esta pesquisa tem como objetivo perceber de que forma a imprensa colabora para espetacularização de notícias. Como objetivos específicos: a) selecionar todas as notícias veiculadas no jornal A Folha de São Paulo no período de 02 a 04 de maio de 1994 relacionadas a morte de Ayrton Senna; b) Verificar quais foram às suítes, reportagens sobre o desdobramento de um fato, escolhidas; c) Analisar recursos sensacionalistas utilizados nas notícias selecionadas; d) Compreender se existiu espetacularização na cobertura da morte do atleta.

A monografia encontra sua justificativa na importância que Ayrton teve para o país de como se faz essencial entender a relação da mídia na criação da imagem de um atleta. A pesquisa também conta com o ineditismo, pois embora Senna seja um assunto trabalhado em projetos acadêmicos, sua relação com a mídia, principalmente relacionadas com o período de sua morte ainda são escassas.

Estruturalmente, a monografia é composta por dois capítulos e a análise, sendo o primeiro destinado a uma contextualização do jornalismo impresso no

mundo e no Brasil, desde aspectos de seu surgimento, evolução e consolidação. Neste momento também será inserida a história do veículo selecionado para análise, o jornal Folha de São Paulo. O segundo capítulo tratará da mídia, a espetacularização da notícia seus processos de elaboração, seguindo os critérios técnicos de apuração e técnica de redação. A partir daí, será abordada a teoria do *gatekeeping* e os critérios de noticiabilidade. Por fim, às características do sensacionalismo para posteriormente, no momento da análise, ser possível traçar as relações entre as notícias veiculadas na semana da morte de Ayrton Senna e todos esses pontos, a fim de alcançarmos os objetivos propostos nesse projeto.

2 JORNALISMO IMPRESSO

Este capítulo será destinado a traçar uma trajetória histórica do jornalismo impresso no Brasil e no mundo, com o objetivo de contextualizar a mídia escolhida para ser analisada ao longo da pesquisa. Serão apresentados aspectos importantes para a criação e consolidação do jornalismo, como o avanço da comunicação (oral e escrita), o surgimento da prensa móvel e os primeiros periódicos. Por fim, será a vez de introduzir o veículo que será analisado: a Folha de São Paulo. Será abordada a história do jornal, o seu crescimento, números e consolidação no Brasil como forma de justificar o impacto que esse jornal possui na história do país.

2.1 Aspectos históricos da imprensa

“Desde sempre que o homem procurou comunicar aos seus semelhantes as novidades e as histórias socialmente relevantes de que tinha conhecimento” (SOUSA, 2001, p.18). Ao analisar a procura e a troca de informações pelos seres humanos, o autor deixa claro que mesmo antes do surgimento da comunicação e do jornalismo como conhecemos, a procura por novos conhecimentos é algo natural do homem.

Ao longo dos séculos, as pessoas conseguiram aprimorar a arte de contar ou transmitir novidades e histórias de forma fidedigna (*idem*, 2001). É possível perceber que a comunicação faz parte da cultura humana, pois desde sempre o homem procurou comunicar aos seus semelhantes às novidades e as histórias socialmente relevantes de que tinha conhecimento. (SOUSA, 2006).

A Grécia Antiga presenciou o surgimento de uma forma mista de história e jornalismo, conhecida como a historiografia de acontecimentos. A história da Guerra do Peloponeso¹, de Tucídides, é um exemplo considerado na literatura. Já na Roma Antiga, as *Actas Diurnas* eram colocadas em frente à casa de Júlio César, respeitando uma ordem do mesmo, para divulgar acontecimentos que o imperador julgava serem interessantes. No princípio, elas possuíam um teor mais político com publicações sobre as sessões do Senado Romano e alguns dos procedimentos judiciais mais importantes. Com o passar dos anos, os conteúdos das *Actas* sofreram mudanças. Elas começaram a informar mais assuntos sobre o império,

¹ Conflito entre Atenas e Esparta que foi registrada de forma detalhada por Tucídides.

como combates de gladiadores e atos públicos da família imperial (SOUSA, 2001). As actas diurnas datam de 59 a.C e são consideradas os primeiros jornais da história da humanidade.

De acordo com Silveira et al (2018, p.30), a estrutura medieval não incentivou o aparecimento ou o desenvolvimento dos fenômenos pré-jornalísticos. Os autores ainda enfatizam que naquela época as informações eram compartilhadas, em sua maioria, pela oralidade. São exemplos deste fenômeno, os andarilhos, que por meio de suas aventuras transmitiam as informações e os pregoeiros que informavam à população o que se passava na sociedade.

Mesmo com uma presença predominante da transmissão de informações por oralidade, a Idade Média presenciou as crônicas que traziam informações importantes por meio da escrita. Sousa (2001, p.19) afirma que “as relações de factos importantes saíam da pena dos cronistas. As crônicas eram copiadas à mão e remetidas aos nobres, aos eclesiásticos e a outras personalidades importante”.

Em uma mistura de jornalismo e literatura, as crônicas retratavam a vida e o cotidiano dos nobres e monarcas. Em alguns casos, os cronistas citavam diretamente ou parafraseavam os nobres a quem serviam. Prática muito constante nas atuais reportagens. (SILVEIRA et al, 2018). Os autores ao tratarem do que chamam de ‘pré-jornalismo’ enfatizam outras modalidades como “as cartas informativas, elaboradas por monges, cronistas, diplomatas, funcionários de mercadores e demais personalidades”.

Embora a comunicação evoluísse constantemente, “a possibilidade de contar histórias e novidades e de as difundir para um número vasto de pessoas ganhou nova expressão com as invenções de Gutenberg, entre 1430 e 1440” (SOUSA, 2001, p.19). Esta criação foi essencial para o avanço e o surgimento do jornalismo que conhecemos atualmente.

“Gutenberg é um dos principais protagonistas da montagem de uma prensa melhorada, um pré-requisito para a formação da impressão tipográfica” (SANTOS, 2012, p.15). Na época, a principal forma de impressão era a xilográfica -que era lenta, gastava rapidamente os moldes e exigia que as páginas fossem compostas por inteiro (SILVEIRA et al, 2018, p.32).

A tipografia com caracteres móveis já era uma técnica existente, mas a invenção de Gutenberg possibilitou a criação de caracteres a partir do metal fundido. Essa criação fomentou um grande avanço e aumento da produção de folhas volantes, de relações de acontecimentos e de gazetas. Essas produções eram publicadas com caráter periódico e são consideradas os antepassados dos jornais impressos do modo como conhecemos hoje (SOUSA, 2001).

Um marco dessa história foi a realização em 1456 da publicação da Bíblia Mazarin, também chamada de Bíblia de 42 linhas e que foi escrita toda em letras góticas. No total, a edição contou com 642 páginas e 180 exemplares – sendo 150 em papel e 30 em pergaminho, restando atualmente 48 originais (SANTOS, 2012).

Sousa (2001) afirma que existe uma grande controvérsia sobre qual teria sido o primeiro jornal impresso com expressão. O autor ainda destaca que alguns historiadores taxam o jornal “*Nieuwe Tijdinghen*” (1605) como o primeiro jornal impresso. Outros acreditam que este título pertence ao inglês “*Weekly News*”. Entende-se que, embora não se saiba ao certo qual tenha sido o primeiro jornal impresso, eles certamente começaram a surgir com o avanço dos meios de impressão.

Lima (1989, p.25, apud Silveira et al, 2018, p.41) destaca que devido a chegada da imprensa novas transformações foram surgindo pela Europa. Por causa da força propagadora da imprensa, a mesma sofreu forte repressão e observação. As oficinas tipográficas necessitavam de uma autorização oficial e as publicações midiáticas eram aprovadas pelo Estado e pela igreja.

O surgimento dos jornais no século XVIII possibilitou o nascimento e a popularidade da informação e assim promoveram mudanças e transformações nos mais diversos setores da sociedade, como economia e cultura. A Igreja aproveitava a circulação dos jornais para informar e promover o conhecimento sobre palavras bíblicas para as pessoas de classes mais baixas (SANTOS et al 2009).

No século XVII, dois modelos de pensamento e produção de jornalismo surgiram na Europa: o inglês e o francês. Embora o foco dos jornais fosse a publicação de matérias, eles ainda assim tinham pontos divergentes. O inglês pregava um modo mais voltado à liberdade de imprensa e continha conteúdos com

cunho opinativo, enquanto o francês era regido por mais controle e censura (SILVEIRA et al, 2018).

Idem (2018, p.43) destacam que o modelo francês “colocou as gazetas a serviço do absolutismo dos reis”. O jornalismo era financiado pelo Estado empregava os “jornalistas” que eram transformados em funcionários reais. O modelo inglês, mais democrático, possuía como principais características: as liberdades formais baseadas na proposta do racionalismo, com autonomia de pensamento e expressão, sistema jornalístico baseado em jornais de vários tipos que se estendem dos noticiosos aos generalistas e especializados, e incluem periódicos culturais, científicos e políticos.

Com o desenvolvimento das formas de produção, o jornalismo teve um avanço e se expandiu pelo mundo. Os processos ganharam espaço em diversos países e devido a isso muitos jornais foram abertos, cada qual com uma proposta e um estilo. A profissão de jornalista se profissionalizou com o passar os anos e parte desta história chegou até o Brasil por meio da coroa portuguesa dando início ao enredo que será discorrido a partir do próximo tópico desse capítulo.

2.2 O jornal impresso no Brasil

A circulação de jornais no continente europeu foi essencial para a expansão da prática jornalística no mundo. No Brasil, por exemplo, foi a chegada da família real que possibilitou o surgimento de jornais no país, no início do século XIX.

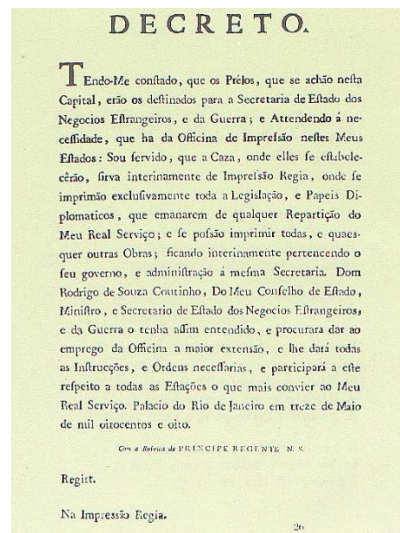
De acordo com Melo (2003, apud Sousa, 2006, p.148) com a chegada da Família Real, o estado do Rio de Janeiro se tornou a capital do país. Este fator possibilitou a criação de uma imprensa no Brasil. A troca da capital possibilitou que as relações sociais, culturais e comerciais fossem desenvolvidas. O desenvolvimento fez com que houvesse uma evolução na sociedade brasileira que, a partir daquele momento, se tornava mais alfabetizada e inspirada nos que possuíam poder econômico. Anteriormente a imprensa não era necessária, tendo em visto que o país sofria de vários problemas como: analfabetismo, ruralização e má distribuição da sociedade (escravos negros e grandes proprietários).

Noblat (2002 apud Garcia, 2018, p.16) afirma que a chegada da corte portuguesa permitiu a criação da Imprensa Régia, uma vez que essa tal iniciativa

fazia parte da estrutura burocrática montada pelo Império. Por meio da Imprensa Régia eram impressos documentos, decretos e livros de interesse do Império.

Molina (2015, p. 53) explica que “a instalação da Impressão Régia no Rio de Janeiro foi o resultado de uma operação improvisada, mas bem-sucedida, de replicar no Brasil a Impressão Régia de Lisboa”. O autor finaliza ao dizer que “a criação da Impressão Régia, que teve o monopólio da impressão no Rio entre 1808 e 1821, representou a implantação no país da indústria gráfica, da indústria editorial e da imprensa”. Noblat (2002 apud Garcia, 2018, p.16) esclarece que “todo o maquinário foi trazido da Europa como parte da bagagem de D. João VI e sua família”.

Figura 1: Impressão Régia



Disponível em <http://ler-e-escrever.blogspot.com/2007/06/imprensa-rgia-ou-impresso-rgia.html>

Molina (2015) também destaca a Impressão Régia brasileira possuía o mesmo padrão da Impressão Régia de Lisboa e o mesmo aconteceu com a imprensa. A Gazeta do Rio de Janeiro - primeiro jornal brasileiro – foi lançado para substituir a Gazeta de Lisboa.

O primeiro número da Gazeta do Rio de Janeiro circulou no dia 10 de setembro de 1808, um sábado. Tinha, como a Gazeta de Lisboa, quatro páginas tamanho in-quarto2 (13,5 x 19 cm), com texto em uma coluna quase da largura da página. Podia ser comprada na loja de Paulo Martin Filho, mercador de livros. O exemplar custava oitenta réis e a assinatura semestral por 1800 réis. (MOLINA, 2015, p.56)

Ao falar do enfoque da Gazeta do Rio de Janeiro, o autor enaltece que “sua principal função era divulgar as notícias, com pouca ou nenhuma opinião, e sem

muita preocupação em dar destaque a temas como economia, literatura ou artes, embora não estivessem totalmente ausentes”. Em seus primeiros anos o jornal foi destinado à publicação de textos da Gazeta de Lisboa, atos oficiais e informações das batalhas bélicas entre Portugal, Espanha e Inglaterra contra as tropas de Napoleão. Com o passar dos anos, o jornal começou a publicar notícias marítimas e, apenas em 1821, passou a veicular informações de política.

Figura 2: Gazeta do Rio



Disponível em <https://blogdabn.wordpress.com/2017/08/27/trashed-3/>

Ainda no início do século XIX, mais precisamente no ano de 1808, o Brasil contou com o surgimento de um outro jornal. O ‘Correio Braziliense’ teve sua primeira versão em junho desse mesmo ano (MOLINA, 2015).

O jornal foi publicado mensalmente até dezembro de 1822. Foram 175 edições de pequeno formato, in-oitavo — 14 x 22 centímetros —, e um número de páginas variável, entre cem e 150; a última edição chegou a 623 páginas. Circulava na Inglaterra, onde era lido por comerciantes com interesses em Portugal e, principalmente, no Brasil. Tinha quatro seções: Política, de longe a mais importante, Comércio e Artes, Literatura e Ciências, e Miscelânea. Na última seção eram incluídas as “Reflexões sobre as novidades do mês”, nas quais se comentavam os acontecimentos da atualidade, e a correspondência. (MOLINA, 2015, p.60).

O jornal era editado por Hipólito José da Costa, em Londres. Por sua edição ser elaborada em outro país, ele poderia ser impresso sem nenhuma restrição ou censura. Este fator faz com que Hipólito fosse considerado o primeiro jornalista brasileiro (SILVEIRA et al, 2018, p. 54).

Os autores ainda destacam que A Revolução Constitucionalista do Porto em 1820 - ação que demandou a volta de D. João VI para Portugal - foi importante para a expansão do jornalismo luso-brasileiro. No total, 39 novos jornais foram criados em Portugal e 20 periódicos já eram comercializados no Rio de Janeiro (SILVEIRA et al, 2018, p. 55).

O período regencial juntamente com o reinado de Dom Pedro II trouxeram transformações graduais para o jornalismo brasileiro. O quesito econômico também foi impactante para a lenta evolução da mídia no país. Até a consolidação da República, o jornalismo apresentava características da pré-independência (opinativo, radical e sem compromisso comercial) (SILVEIRA et al, 2018, p. 56).

Uma marca do período é a confluência entre o jornalismo e a literatura, e uma tendência à diversificação da imprensa brasileira. Surgiram os periódicos literários como a Minerva Brasiliense (1843) e o Ostensor Brasileiro (1845); humorísticos ilustrados como A Mutuca Picante (1834), Semana Ilustrada (1860) e O Mosquito (1869); jornais acadêmicos e científicos como a Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1839) e A Imprensa Acadêmica (1864); com foco na família e na mulher, O Espelho Diamantino (1827), O Jornal das Senhoras (1852) e A Família (1888). Nesse período consolidaram-se também jornais mais estáveis economicamente (tanto que alguns existem até hoje) como O Correio Paulistano (1854), o Jornal do Comércio (1827), o Diário de Pernambuco (1825), A Província de São Paulo (1875) e o Jornal do Brasil (1891). (SILVEIRA et al, 2018, p. 57).

O século XX trouxe uma nova reconfiguração do cenário jornalístico nacional. Muitos jornais já estavam em circulação e outros surgiam. Dentre eles, o jornal selecionado para a análise dessa pesquisa – A Folha de São Paulo.

2.3 A FOLHA DE SÃO PAULO

O Jornal 'A Folha de São Paulo' como hoje é conhecido, tem sua história iniciada na década de 1920 com a o então 'Folha da Noite', fundada por Olival Costa e Pedro Cunha. Mais tarde, mais precisamente em 1925 foi inaugurada a 'Folha da Manhã' e em 1949 a 'Folha da Tarde'.

De acordo com informações do site da empresa, em 19 de fevereiro de 1921 era fundada a Folha da Noite por Olival Costa e Pedro Cunha. Quatro anos mais tarde, em 1925, era lançada a Folha da Manhã. Em 1949, o jornal lançava a sua terceira edição, a Folha da Tarde.

Figura 3: Primeira capa Folha da Noite



Disponível em <https://acervo.folha.com.br/index.do>

Em 1960 foi realizada a fusão das três grandes edições do jornal. Em 1º de janeiro daquele ano ocorreu o lançamento da Folha de São Paulo.

O jornal mostrou seu pioneirismo quando, em 1971, a Folha se tornou o primeiro jornal do Brasil que utilizou o sistema eletrônico de fotocomposição. Em 1976, o grupo criou a seção de “Tendências/Debates” com o objetivo de trazer pluralidade ao jornal.

Como apresentado, a Folha é conhecida pelo seu pioneirismo. Em 1983, o jornal se torna a primeira redação informatizada da América do Sul. Em 1989, o grupo cria a função de Ombudsman, que é o jornalista que recebe e encaminha as críticas dos leitores. Com o avanço da internet, os meios de comunicação precisavam se adaptar com as novas mudanças e em 1995 a Folha se torna o primeiro jornal online em tempo real em língua portuguesa.

De acordo com o jornal, a linha editorial da empresa procura realizar um jornalismo crítico, apartidário e pluralista. Ao longo dos anos, a Folha de São Paulo realizou campanhas para os projetos editoriais que serviam para nortear os jornalistas do veículo. Podemos destacar “A Folha depois da campanha das diretas já” (1984), “Caos da informação exige jornalismo mais seletivo, qualificado e didático” (1997) e a mais recente “Jornalismo profissional é antídoto para notícias falsas” (2017).

As principais segmentações do jornal são: poder, mundo, mercado, cotidiano, esporte, ciência + saúde, turismo.

No ano de 2019, a Folha liderou a circulação de jornais pelo país. Entre os grandes jornais nacionais (impressos), a Folha teve a maior média mensal de pagantes, seja em sua versão impressa ou digital.

2.4 Estrutura de um jornal impresso

Ao analisar a estrutura de um jornal impresso, Carvesan (2009, p.21) enfatiza que “há um comando central, composto por direção de redação mais editores-executivos ou secretários de redação, ao qual estão subordinadas, linearmente, as editorias”.

Em relação a divisão das atividades de um jornal, temos dois blocos de atuação: a produção e a edição. O primeiro grupo é responsável por toda a produção de jornalística dos conteúdos que serão gerados em um determinado período. Após a realização da primeira etapa, entra em cena a edição, que tem a função de finalizar e realizar o “fechamento” da matéria. Em alguns casos, o jornal possui um secretário ou gerente que fica responsável por todas as questões que saem do âmbito jornalístico, como gerenciamento de cargos, salários, demissões, contratações, promoções e outras atividades. (CARVESAN, 2009)

A estrutura de um jornal é dividida em editorias. Tendo em vista a temática deste trabalho acadêmico, podemos destacar:

A Editoria de Esportes é dividida de acordo com as modalidades esportivas e com as preferências dos leitores. No Brasil, o futebol é o esporte que mais atrai a atenção do público. As principais fontes de material para esta editoria são os seus próprios repórteres, as agências de notícias nacionais e internacionais e os correspondentes e enviados especiais para cobrir eventos como corridas de Fórmula 1 e o circuito internacional de tênis (CARVESAN, 2009). O autor ainda destaca que esta editoria tem sua importância e seu tamanho aumentados durante a realização de grandes eventos esportivos (Copa do Mundo e Olimpíadas).

O autor também cita outras editorias, são elas: opinião, política, economia, assuntos internacionais, cidade, cultura, suplementos semanais, artes, fotografia e primeira página.

Pena (2012) também destaca as diferenças vertentes presentes em um jornal, como:

Jornalismo Político é a área da imprensa que cobre os temas interligados aos governos federais, estaduais e municipais. Uma das funções desta editoria é acompanhar de perto e conferir os partidos e políticos em exercício da profissão.

Jornalismo Econômico tem como principal função cobrir os principais debates relacionados a econômica, negócios e finanças. Com a liberdade política após o fim da ditadura militar, o jornalismo econômico apresentou uma grande expansão no Brasil. Cadernos voltados para a economia eram cada vez mais frequentes nos jornais de informação geral. Também houve o surgimento de veículos especializados no tema.

O autor destaca que a produção de jornalismo cultural também é uma criação cultural. O jornalista, ao analisar ou escrever sobre produtos culturais, acaba criando o seu próprio produto cultural. Essa editoria é voltada para o cinema, artes plásticas, teatro, música, moda e gastronomia.

A principal função do jornalismo policial é cobrir sequestros, roubos, homicídios e outros crimes existentes no código penal. O autor destaca que esta editoria tem como tema principal o crime, e por isso deve se tomar bastante cuidado na apuração e realização da matéria jornalística.

O jornalismo internacional como o próprio nome diz, é o tipo de jornalismo que cuida dos assuntos que acontecem além do país onde fica o jornal. Pena (2012, p. 121) afirma que “esses mesmos fatos, por serem de origem econômica, científica ou ainda esportiva, entre outros, entram no jornal em suas respectivas editorias, sem estarem diretamente localizados na parte que diz respeito ao jornalismo internacional”.

3 A PRODUÇÃO JORNALÍSTICA

Este capítulo será destinado a traçar os meios de produção das notícias e como os critérios de noticiabilidade refletem na escolha do que será ou não veiculado nos jornais. Será apresentado o processo de produção jornalística, por meio da: pauta, fonte, apuração e *lead*. O capítulo contará também com elocução acerca da prática sensacionalista, com o objetivo de contextualizar esse tipo de abordagem para futuramente verificar se elas se aplicam na cobertura da morte de Ayrton Senna pela Folha. Para finalizar, o capítulo contará com um pequeno tópico voltado para a vida e carreira do piloto.

3.1 O que é notícia?

O primeiro autor a falar sobre os critérios de noticiabilidade foi Walter Lippman que na ocasião os denominou de “valores informativos”. No Brasil, os primeiros estudos brasileiros sobre os critérios de noticiabilidade são fundamentados em sociólogos estadunidenses e britânicos das décadas de 1950 a 1980 (ALVES e SEIXAS, 2017)

Para Wolf (2012), a noticiabilidade é formada por requisitos e tudo que não corresponde a estes requisitos é excluído.

A noticiabilidade é constituída pelo conjunto de requisitos que se exigem dos acontecimentos - do ponto de vista da estrutura do trabalho nos órgãos de informação e do ponto de vista do profissionalismo dos jornalistas - para adquirirem a existência pública de notícias. Tudo o que não corresponde a esses requisitos é «excluído», por não ser adequado às rotinas produtivas e aos cânones da cultura profissional. (WOLF, 2012).

Traquina (2001, p.94, apud Silva, 2005, p.97) afirma que as notícias “são o resultado de um processo de produção definido como a percepção, a seleção e a transformação de uma matéria-prima (principalmente os acontecimentos) num produto”.

O autor destaca que esse produto é o resultado de características tecnológicas de cada meio noticioso, logísticas de produção jornalística, imperativos comerciais, retraimentos orçamentais, inibições legais, disponibilidade de informação das fontes, necessidade de narrar o fato de modo inteligível e atraente, para um determinado público.

Para Wolf (2012), os valores notícias são divididos nas seguintes categorias: às características substantivas das notícias; à disponibilidade do material e aos critérios relativos ao produto informativo; ao público; à concorrência.

O autor ainda afirma que a noticiabilidade são os elementos responsáveis por controlarem e administrarem a quantidade e o tipo de acontecimento que servirão de base para a seleção das notícias. Ou seja, sua função é definir o que importa ou não para virar notícia.

Em articulação a essa perspectiva, temos a Teoria do Agendamento, também chamada de Agenda-Setting. Ela foi criada em 1972, por Maxwell McCombs e Donald Shaw, durante um estudo sobre as eleições americanas. Os pesquisadores apontaram que os veículos jornalísticos definem e agendam o pensar social. Os autores destacam que na “teoria do Agendamento, a mídia sugere quais os temas devem fazer parte da agenda pública” (SOUZA et al, 2014). Ou seja, a mídia é responsável por definir o que é ou não é importante para fazer parte da agenda pública. Desta forma, os veículos de comunicação definem o que as pessoas devem ou não pensar.

Shaw (1979, p.96, apud Wolf, 2012, p.144) afirma que as pessoas tendem a incluir ou excluir em seu dia a dia o que a mídia inclui ou exclui de seus conteúdos. Ou seja, os espectadores ou leitores vão julgar importante aquilo que está sendo publicado e divulgado pela mídia. Já os assuntos que não aparecem nos jornais, serão julgados como menos importantes.

Martino (2010, p.122, apud Chaves, 2015, p.41) enfatiza que os assuntos selecionados sofrem um processo de hierarquização. O fato mais importante é manchete, já as notícias menos importantes serão publicadas nas páginas finais.

3.2 A produção da notícia: a pauta, a fonte, a apuração e o lead

3.2.1 A Pauta

Embora pareça ser uma atividade simples e fácil, a elaboração da notícia é um importante processo da produção jornalística. Entre o acontecimento de um fato e sua transformação em notícia, existe um longo caminho que é repleto de mediações e que necessitam de uma atenta análise para a compreensão do fato. Durante esse caminho, podemos destacar a pauta, que será responsável por determinar o que poderá ser noticiável ou não (HENN, 2014, p.13).

De acordo com o Manual de Redação da Folha de São Paulo (2010, p.48), a pauta é descrita como “primeiro roteiro para a produção de textos jornalísticos e material iconográfico”. Entende-se, portanto, que a pauta é o primeiro processo de um produto final, a reportagem ou notícia.

O primeiro objetivo de uma pauta é planejar a edição. O princípio é que, mesmo que não aconteça nada não previsto em determinado dia - por exemplo, no domingo de uma editoria política ou na segunda-feira de uma editoria de esportes -, o jornal sairá no dia seguinte, os boletins de rádio serão produzidos, as gravações de televisão serão editadas e as equipes das revistas estarão nas ruas (JUNIOR, 2006).

Segundo Junior (2006) “pauta que é pauta define o rumo do trabalho, o ângulo, a escolha de uma ou várias nuances do que será apurado, qual o recorte da realidade que a reportagem fará, sob que modo novo será abordada a questão

Os veículos de comunicação necessitam e sempre necessitaram planejar de alguma maneira as suas edições, mas o procedimento da pauta ainda é recente. No começo, a prática era utilizada frequentemente nas revistas. O principal motivo é o fato de que as revistas, diferente dos jornais, não precisam cobrir todos os assuntos relacionadas aos temas abordados por ela e, por isso, tinha a função de selecionar as notícias mais importantes, evitando assim, o excesso de material publicado. Esta ação, além de reforçar a importância do planejamento da edição, comprova a importância da pauta para as revistas, pois são feitas a partir de enfoques editoriais específicos, o que torna essencial a existência de uma elaboração prévia da notícia (LAGE, 2001).

Existem dois tipos de pautas: as frias e as quentes. As pautas quentes correspondem aos fatos imediatos. São os acidentes, atentados e assaltos, por exemplo. Já as pautas frias são as notícias que não precisam ser publicadas imediatamente. Elas podem contar com um tempo maior de apuração, conversas com fontes e sua principal característica é que pode ser publicada em qualquer momento (FLORESTA E BRASLAUSKAS, 2009). A pauta, quando bem elaborada, garante um volume de informação essencial para uma eventual queda da pauta ou para matérias que poderão ser utilizadas no futuro (JUNIOR, 2006).

3.2.2 A apuração e as fontes das notícias

Ao procurar o significado de apurar no dicionário, encontramos a seguinte definição: pesquisar e averiguar. Entende-se, portanto, que o processo de apuração consiste em uma pesquisa para separar os fatos e acontecimentos mais importantes para a publicação de uma notícia e, em seguida, deve ser feita a confirmação de todas as informações adquiridas.

Junior (2006) enfatiza a importância e como uma boa apuração pode ser realizada. Segundo o autor, existem três momentos que podem ser usados para definir o comprometimento de uma apuração, são eles: o planejamento da apuração, a revisão do material apurado e a revisão das informações editadas. O autor destaca que uma apuração bem realizada, necessita de um bom planejamento e que todo plano feito pelo jornalista, ajuda na organização final da reportagem.

Outro ponto importante para a elaboração de uma notícia são as fontes. Rossi (2006) destaca o uso de fontes no meio jornalístico.

Evidentemente, abastecer-se de informações sobre os antecedentes de um assunto não basta. Para compor uma reportagem, o jornalista vale-se, fundamentalmente, de fontes de informação, conhecedoras do tema, mas também nele interessadas (direta ou indiretamente, política ou economicamente, em busca de prestígio, vingança ou qualquer outro motivo). (ROSSI. 2006, p.50).

Pena (2012) destaca os cuidados ao estabelecer contato com uma fonte. O autor afirma que a fonte sempre é uma interpretação subjetiva sobre um ocorrido. Todos os materiais e informações divulgadas pela fonte podem ser afetadas pela sua cultura, linguagem e preconceitos. Um exemplo seria perguntar para um corretor da bolsa quais melhores ações para compra. E, provavelmente, ele responderá que são as ações que ele tem para vender. Entende-se, portanto, que o jornalista deve ficar atento para evitar que a fonte altere e prejudique a veracidade dos fatos, com o objetivo de promover alguém ou a si próprio.

Rossi (2006) finaliza ao afirmar que, de certa forma, qualquer indivíduo pode ser uma fonte de informação, desde o contínuo até o chefe de estado. Entretanto, segundo o autor, as fontes como um ministro, presidente de clube e secretário geral são mais autorizadas. Porém, cabe ao jornalista saber se estas fontes são mais confiáveis.

Segundo Schmitz (2011), as fontes podem ser definidas da seguinte forma: a fonte oficial é “alguém em função ou cargo público que se pronuncia por órgãos mantidos pelo Estado e preservam os poderes constituídos, bem como organizações agregadas”. Segundo o autor, elas são mais usadas pela mídia, pois esclarecem diretamente o interesse público.

A fonte empresarial é aquela que tem a função de representar empresa, indústria e comércio. Em alguns casos, as suas ações com a mídia são voltadas para interesse comercial e para a manutenção ou preservação da imagem e reputação da empresa.

Já a fonte institucional “representa uma organização sem fins lucrativos ou grupo social”. O autor também destaca que essa fonte procura a mídia para “sensibilizar e mobilizar o seu grupo social ou a sociedade como um todo e o poder

público, para defender uma causa social ou política (*advocacy*), tendo os meios de comunicação como parceiros”.

A fonte individual, como o próprio nome demonstra, é aquela que representa a si mesma. Seja ela uma pessoa comum, político ou artista. A fonte individual pode ser de qualquer área, mas desde que não fale por uma organização ou grupo social.

A fonte testemunhal é aquela que serviu como testemunho de um acontecimento. O autor enfatiza que esse tipo de fonte “funciona como álibi para a imprensa, pois representa aquilo que viu ou ouviu, como partícipe ou observadora”.

A fonte especializada para Sponholz (2008, apud Schmitz, 2011, p.55) é aquela formada por um especialista, perito, intelectual ou por uma organização que detenha um conhecimento reconhecido sobre tal assunto. Essa fonte está ligada com uma profissão ou área de atuação.

Por último, temos a fonte de referência. Segundo o autor, ela é toda “bibliografia, documento ou mídia que o jornalista consulta”. A fonte referencial tem o objetivo de fundamentar todo o material jornalístico e também é utilizada para complementar a narrativa.

3.2.3 O *Lead*

O *lead*, criado no final do século XIX, é o padrão norte-americano de abertura de matérias. Ele sugere que o primeiro parágrafo de uma produção jornalística deve conter os fatos mais importantes da notícia. Nele, o jornalista deverá responder as seguintes perguntas: o quê?, quem?, quando?, onde?, como? e por quê? (CLEMENTE, 2005)

Pena (2012, p.9) destaca que o *lead* deve responder essas perguntas. O autor finaliza afirmando que o *lead* é “nada mais é do que o relato sintético do acontecimento logo no começo do texto”. Pena e Correa (2012) destacam que o *lead* apresenta sete funções básicas, são elas: 1) apontar a singularidade daquela história; 2) informar o que se sabe de mais novo sobre um acontecimento; 3) apresentar lugares e pessoas de importância para o entendimento dos fatos; 4) oferecer o contexto em que ocorreu o evento; 5) provocar no leitor o desejo de ler o restante da matéria; 6) articular de forma racional os diversos elementos constitutivos do acontecimento e; 7) resumir a história, da forma mais compacta possível, sem perder a articulação.

Portanto, entende-se que o *lead* funciona como um parágrafo para introduzir o tema abordado no restante do texto. Sua função, além da introdução do assunto, é manter o leitor preso na matéria e fazer com que ele desperte uma curiosidade sobre o restante do texto e assim continue sua leitura.

3.3 AYRTON SENNA DA SILVA

Este tópico será voltado a apresentar a vida, carreira e morte de Senna. Os principais autores usados foram Ernesto Rodrigues (Senna, o Herói Revelado), Alexandre Armando Vasconcellos (O Brasil na Fórmula 1 – Os Títulos e as Vitórias que transformaram o Brasil no País do Automobilismo) e Fábio de Castro Souza (Ayrton Senna: o mito das pistas).

3.3.1 Ayrton Senna – O Beco

A história do Brasil no automobilismo é antiga. Começou no início do século XX, quando o país realizou provas como a de São Gonçalo, Itapecerica da Serra, São Conrado e na avenida Vieira Souto. Algumas provas internacionais também foram registradas em nosso território, podemos destacar as corridas na Gávea e na Avenida Brasil e, posteriormente, em Interlagos (VASCONCELLOS, 2013, p. 12).

O Brasil é conhecido como o país do futebol, mas seu destaque no mundo do automobilismo é inegável. Possuímos três pilotos que frequentemente são citados entre os dez melhores de todos os tempos: Emerson Fittipaldi, Nelson Piquet e Ayrton Senna (VASCONCELLOS, 2013, p.11).

Ayrton foi o destaque esportivo do Brasil por grande período, por meio de sua técnica e talento, ele se destacou como um dos maiores de todos os tempos do automobilismo, como afirma o autor.

Para mim, Senna foi o piloto mais habilidoso da Fórmula 1. Era mágico nas voltas de classificação, ainda que não tivesse nas mãos o melhor carro. Sua determinação em fazer a pole position era impressionante, trabalhando cada detalhe para buscá-la. Outra característica inigualável de Senna: ele era simplesmente o melhor em adaptar-se rapidamente às condições do carro, especialmente em pista molhada. Incansável, obsessivo e dono de uma concentração indescritível, raramente cometia algum erro, fosse de pilotagem, fosse estratégia. Nas corridas, sua constância era formidável. Não fazia voltas mais rápidas sempre, mas mantinha-se entre os mais rápidos durante toda a prova e, por isso, venceu muitas corridas que pareciam impossíveis (VASCONCELLOS, 2013, p.83).

Rodrigues (2009) destaca que “nos primeiros anos de vida, Ayrton não deu o menor sinal de que poderia se tornar o prodígio de precisão e concentração que assombraria o mundo do automobilismo”.

Quando o menino entrou no kart pela primeira vez, a ternura que ele despertava deu lugar à incredulidade. Seria assim por trinta anos. João Alberto, um vizinho, seis anos mais velho que Senna, amigo de Viviane, estava entre as pessoas que testemunharam a primeira vez em que Ayrton se ajeitou no banco anatômico do kart fabricado pelo pai e acelerou: “Foi arrepiante. Ele tinha uns 4 anos e todo mundo ficou vendo ele andar no kart. Já na primeira volta na rua de terra, ficamos todos impressionados com a noção que ele já tinha.” Em pouco tempo, aos sábados, domingos e feriados, Milton começou a levar Ayrton, os amigos e o kart para locais mais amplos e fechados, para que eles se divertissem com mais segurança. Podia ser um loteamento próximo à rodovia Fernão Dias, na saída de São Paulo para o sul de Minas, ou as áreas ainda em construção da Marginal do Tietê. O local preferido, por anos a fio, foi outro loteamento, situado na parte alta do bairro, o Palmas do Tremembé, futuro bairro de mansões, ainda vazio na época. João Alberto foi um dos primeiros adversários de Senna no volante: “Não dava. Eu tinha uns 12 anos e não corria como ele, que tinha somente 6.” (RODRIGUES, 2009, p.21)

Ayrton carinhosamente chamado de “Beco” pelos seus amigos e familiares, só foi ganhar seu primeiro Kart profissional aos nove anos de idade. Naquele momento, a brincadeira foi sendo deixada de lado e Senna começava a competir em torneios amistosos com pilotos mais velhos. Aos quatorze anos, Senna já era o principal destaque das corridas em que competia (SOUZA, 2008).

Senna continuou sendo destaque por onde passava. Souza (2008) afirma que o piloto conquistou tudo que poderia ter conquistado em terras brasileiras.

No kartismo brasileiro, Senna ganhou todos os títulos possíveis. Foi quatro vezes seguidas campeão brasileiro da categoria, de 1978 a 1981, vencendo duelos memoráveis com Mario Sergio de Carvalho, seu maior rival no kart. A rivalidade entre os dois era tanque, quase sempre que dividiam a primeira fila de alguma corrida, acabavam penalizados por não manterem a posição de largada. Com isso, passavam para a última fila. (SOUZA, 2008, p.18).

Aos 20 anos de idade, Senna se mudou para a Inglaterra para deixar o kart de lado e focar nas categorias mais profissionais do continente europeu. Com o objetivo de chegar na Fórmula 1, Senna disputou corridas na Fórmula Ford 1600 e contou com a ajuda de seu antigo rival, como destaca Souza (2008).

Naquela época, sua fama já havia chegado aos ouvidos dos chefes das equipes da Fórmula Ford 1600, primeiro etapa a ser cumprida por um piloto no Velho Continente, Com a ajuda do rival Chico Serra, que indicou seu nome para o chefe da equipe, Senna conseguiu uma vaga na Van Diemen, mais prestigiada escuderia da categoria.(SOUZA, 2008, p.19).

Ayrton continuou fazendo seu nome nas categorias de acesso por toda Europa. Até que em 1984, o piloto fez sua estreia na Fórmula 1, a maior categoria automobilística do mundo.

3.3.2 Ayrton Senna do Brasil

Ayrton fez sua estreia na Fórmula 1, em 1984, pela equipe *Toleman*. Mesmo sendo uma equipe do pelotão intermediário, Senna conseguiu bons resultados com a equipe, incluindo um polêmico segundo lugar no Grande Prêmio de Mônaco daquele ano, quando, por motivos de pista molhada, a corrida foi interrompida e finalizada.

Prost, com problemas nos freios, passou a gesticular para o diretor da prova, Jacky Ickx, pedindo o fim da corrida. O chefe dele, Ron Dennis, fazia o mesmo pessoalmente. Ickx acabou cedendo à pressão, encerrando a prova e fazendo valer as posições da volta 31, quando Alain estava pouco mais de sete segundos à frente de Senna. Àquela altura, rigorosamente ninguém tinha dúvida de que, em uma ou duas voltas, Ayrton encostaria na McLaren de Prost e o ultrapassaria, ou na freada da curva Saint-Devote ou na entrada da chicane depois do túnel, como já fizera com Lauda e outros. O argumento de Ickx era óbvio: melhor parar uma corrida antes do que tarde demais (RODRIGUES, 2009, p.107).

Em 1985, o piloto foi para a Lotus e passou a ser a esperança brasileira na disputa de vitórias e títulos (SOUZA, 2008). Logo em sua segunda corrida pela equipe, no GP de Portugal, Ayrton Senna conquistou sua primeira vitória na F1.

Foi justamente em terras portuguesas, de nossos simpáticos patrícios, num dilúvio parecido com aquele que acontecera em 1984, em Mônaco, que Senna venceria pela primeira vez na F1. A prova de Portugal teve, já nos treinos, uma mostra de incrível potência dos motores Renault Turbo e da adaptação de Senna ao traçado, onde ele havia sido 3º um ano antes (VASCONCELLOS, 2013, p.84).

Pela Lotus, Senna conquistou seis vitórias, até a sua transferência para a McLaren em 1988. Logo em seu primeiro ano pela equipe, Ayrton obteve sete vitórias e conquistou seu primeiro título mundial (VASCONCELLOS, 2013). Senna permaneceu na equipe até 1993. Foram 35 vitórias e três títulos mundiais até ser transferido para a Williams, com o objetivo de conquistar o tetracampeonato no ano de 1994.

3.3.3 Ímola, 1994

Vasconcellos (2013) destaca a expectativa esportiva dos brasileiros para o ano de 1994. Segundo o autor, o ano deveria ser celebrado como “mil novecentos e noventa e tetra”, em referência ao quarto título mundial do Brasil no futebol e de Senna na Fórmula 1. O autor ainda comenta a dificuldade que Senna sofreu para se adaptar na Williams “três provas, três poles e nenhum ponto”.

Em 1992 e 1993, a Williams possuía o melhor carro do grid, por isso a expectativa no desempenho de Senna era alta. Entretanto, uma mudança no regulamento prejudicou o desempenho da equipe. O novo regulamento proibia a utilização da suspensão ativa, controle de tração e freio antiblocante que foram utilizados pela equipe nos anos anteriores. Senna afirmava que a troca dos componentes deixavam o carro totalmente diferente do ano anterior e o veículo se comportava como uma animal na pista.

Rodrigues (2009) aponta que Senna percebeu de imediato que o carro de 1994 não era o mesmo vencedor dos anos anteriores “Senna não precisou de muito tempo para perceber que a Williams, sem a ajuda eletrônica, estava longe de ser o carro perfeito dos tempos de Mansell e Prost”.

A Fórmula se encaminhava para sua quarta prova naquele ano. Senna, mais do que nunca, precisava mostrar resultados para tentar entrar na briga pelo título. Mas, infelizmente, o que seria uma corrida de recuperação se transformou em um dos piores finais de semana da história do automobilismo.

As transmissões de rádio e televisão foram iniciadas minutos antes da largada, com a lembrança da perda de Ratzenberger e do violento acidente de Barrichello. Mesmo os mais antigos, entre jornalistas, mecânicos e chefes de equipes, acreditavam que já havia acontecido desgraça demais naquele GP de San Marino de 1994. E que a corrida ia ser tranquila. Perplexos, todos aprenderam que não, logo nos primeiros segundos da corrida. Na largada, J. J. Lehto, quinto colocado no grid, deixou o motor de sua Benetton apagar. E o português Pedro Lamy não teve como desviar. Sua Lotus bateu em cheio na traseira do carro de Lehto. Quatro espectadores ficaram feridos pelos destroços que voaram sobre o alambrado, caindo na área da arquibancada, em frente à reta dos boxes. (RODRIGUES, 2009, p.583)

O acidente na largada provocou a entrada do carro de segurança que é “usado para puxar a fila indiana dos 23 pilotos remanescentes, enquanto a pista era preparada para a nova largada” (RODRIGUES, 2009, p. 584).

Após a relargada, Senna liderava a prova, mas acabou batendo em um muro, após perder o controle do carro na curva Tamburello.

O último susto durou 1s03. A telemetria, velha parceira das vitórias, mostrou que este foi o tempo decorrido entre o instante em que a Williams se desgarrou da trajetória normal, a 307 quilômetros por hora, e o impacto no muro da curva Tamburello. Os dados telemétricos também foram uma prova inquestionável de que, durante aqueles inesperados 13 décimos de segundo de descontrole, ele quis entender e reagir ao que estava acontecendo: aliviou o pé no acelerador, tentou correções no volante, encostou o pé na embreagem e voltou a tocar no acelerador antes de frear violentamente na área de escape e se espatifar no muro, a 216 quilômetros por hora. No instante derradeiro, antes do muro, a telemetria permitiu supor que ele tirou as mãos do volante e tentou se proteger com um gesto instintivo (RODRIGUES, 2009, p.585).

A autor ainda afirma que mesmo com a violência do impacto, era de se esperar que ele escapasse com vida do acidente. Entretanto, um pedaço da suspensão dianteira direita do carro se desprende e formou uma lança que atingiu em cheio a viseira do capacete.

Sousa (2008) destaca que os primeiros paramédicos que chegaram no local já constataram a gravidade da colisão. Watkins (1996, p.20, apud Sousa, 2008) enfatiza que “apesar de todos os esforços, os monitores da pressão sanguínea, respiração e movimentos do coração indicavam que o fim estava próximo”.

Naquele mesmo dia, às 14h05, horário de Brasília, a morte de Senna era anunciada para todo o Brasil.

3.4 Sensacionalismo na mídia

O termo sensacionalismo, por definição do dicionário, refere-se a toda exploração de acontecimentos que causam emoção ou escândalo. O começo da prática sensacionalista nos jornais impressos é indefinido. Angrimani (1995) afirma que algumas enciclopédias definem o começo dessa prática no final do século XIX. Elas atribuem aos editores Joseph Pulitzer e William Randolph Hearst pela criação desse estilo jornalístico.

Entretanto, Silveira et al (2020, p.57) apontam um surgimento diferente para o jornalismo sensacionalista. Os autores afirmam que as aparições dos primeiros materiais sensacionalistas “datam aproximadamente do século XIX na Espanha e na

França, com a circulação de alguns folhetos sobre situações extraordinárias, trágicas e fantásticas, como relatos de crimes”.

Os autores ainda destacam que gradativamente as práticas sensacionalistas foram aperfeiçoadas ao longo dos anos.

Por volta dessa época, surgiu também a expressão *fait divers* em alguns periódicos franceses, o que pode ser entendido como fatos diversos ou como notícias que correm pelo mundo sem critério sobre crimes, suicídios, acidentes e acontecimentos fantásticos. Nos primórdios do sensacionalismo, os conteúdos eram impressos de forma rudimentar e mobilizavam muitos recursos financeiros para a impressão dos folhetos. No entanto, à medida que as cidades foram se desenvolvendo, as folhas noticiosas foram aumentando e atraindo cada vez mais audiência, o que levou ao aperfeiçoamento das técnicas de impressão, ao levantamento de dados e a estratégias para atrair o público das notícias. Desde modo, a notícia sensacionalista passou a ser o diferencial dos jornais na disputa mercadológica. Elaboravam-se técnicas atrativas nas primeiras páginas, com manchetes, chamadas rápidas, imagens e anúncios pago, configurando a imprensa publicitária. (SILVEIRA et al, 2020,p.57)

Para Pedroso (2001), o jornal sensacionalista é uma ramificação da grande imprensa. Nele está contido a cultura e a informação de massa e que não exigem precisam de um conhecimento prévio do leitor.

Ao fazer uma análise do surgimento da imprensa na França e nos Estados Unidos, Angrimani afirma que o sensacionalismo fez parte do processo de criação da imprensa nesses países. O autor destaca que os jornais apresentavam notícias sensacionais que agradavam a todos. E antes mesmo do surgimento dos jornais na França, já existiam brochuras conhecidas como *occasionnels* que se destacavam pelo seu exagero, falsidade ou inverossimilhança.

O *Publick Occurences*, primeiro jornal norte americano, também tinha traços sensacionalistas, porém o veículo não passou de sua primeira edição. No final do século XIX, surge uma disputa entre dois veículos de comunicação, são eles: *New York World* e *Morning Journal*, respectivamente administrados por Joseph Pulitzer e Willian Randolph. Pulitzer foi responsável pelas primeiras inovações do jornalismo impresso, como impressão colorida, uso frequente de ilustrações e manchetes e textos que utilizavam do sensacionalismo para explorar os leitores. (Longhi, 2005).

Silva (2007) enfatiza que três temas aparecem com frequências em jornais sensacionais: morte, violência e sexo. Os fatos são apresentados de forma dramatizada e espetacularizada, levando a banalização dos acontecimentos.

Angrimani ainda afirma que a morte, quando tratada como espetáculo, interessa a todos e independe do nível cultural e intelectual do leitor.

O que vai fazer com que o mercado se divida e haja um público exclusivo para o veículo sensacionalista é a linguagem, a linguagem editorial que é a forma de se destacar uma foto, tornar o texto mais atraente, enfim,,a busca de um equilíbrio entre ilustração e texto, além da preferência por matérias originadas de fait divers, em detrimento de temas político-econômico-internacionais que servem como estímulo predominante ao jornal informativo comum. (ANGRIMANI, 1995, p.54)

Para Silveira et al (2020, p.56), o sensacionalismo “é a prática jornalística bastante criticada e considerada reducionista, porque seu foco está em conteúdos marcados por coberturas de intensa violência, escândalos, situações humanas e casos bizarros”. Os autores também afirmam que essa prática é de má qualidade e que na maioria dos casos não trabalham de acordo com os critérios do código de ética jornalístico.

Os autores também apontam como a mídia brasileira está repleta de casos sensacionalistas. Eles usam como exemplo a transmissão do suicídio de uma adolescente, em 1993. A transmissão acarretou no aumento da audiência além de gerar uma indenização para os pais da jovem.

A mídia brasileira está repleta de casos sensacionalistas ao longo de sua história. Entre os mais polêmicos, podemos apontar o caso do suicídio de uma adolescente que foi exibido pelo antigo telejornal Aqui Agora, no Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), em 1993. O programa exibiu a adolescente, Daniele Alves Lopes, jogando-se de um prédio em São Paulo. Uma equipe de profissionais do Aqui Agora trabalhava próximo ao local e souberam da situação pela frequência de rádio da polícia. A equipe chegou ao local antes do suicídio, enquanto a menina ameaçava se jogar, sentada no beiral do prédio por aproximadamente 15 minutos. Por fim, registraram o momento da queda, surpreendendo toda equipe. A veiculação da cena aumentou a audiência do telejornal em 33,5%, segundo o Ibope (CASTRO, 2014). O caso teve uma repercussão muito negativa, porque a emissora de televisão misturou realidade com ficção, usando o que há de mais negativo no recurso sensacionalista. Posteriormente, a emissora pagou uma indenização milionária aos pais da adolescente por danos morais. (SILVEIRA et al, 2020 p.61).

Angrimani (1995) destaca que todas as definições de sensacionalismo convergem para pontos semelhantes. Entende-se que o sensacionalismo é “tornar sensacional um fato jornalístico que, em outras circunstâncias editoriais, não mereceria esse tratamento” (Angrimani, 1995, p.16). O autor também destaca que esta prática se resume em sensacionalizar algo que não é sensacional. É uma espécie de jornalismo que extrapola a verdade e aumenta o fato. Duarte (2003, p.213, apud Silva, 2007, p.69) aponta, entretanto, uma diferença entre jornal

sensacional e sensacionalista. Sensacionais são as matérias que são focadas em imagens, fait divers e na narrativa dramática. Já o sensacionalismo são os textos e matérias que manipulam os fatos ou declarações.

Por fim, Angrimani (ano, p. 151) conclui que “o jornal sensacionalista, assim como o esportivo, tem lugar na divisão de mercado, mas isolado, colocado à parte. sem influência no contexto político”. Para o autor, os grandes jornais presentes nas principais capitais do mundo não são sensacionalistas, pois para ele “a segmentação do mercado oferece um lugar secundário ao jornal sensacionalista, relegando-a um público de baixo poder aquisitivo e formação precária”. O autor também faz um prognóstico sobre o futuro do jornal sensacionalista: para ele, os jornais sensacionalistas serão mantidos até a exaustão financeira da empresa responsável pelo mesmo, tendo em vista a dificuldade que esses veículos enfrentam para conseguir anunciantes e patrocínios.

4 ANÁLISE

Ayrton Senna da Silva, natural de São Paulo, competiu por 10 anos na maior categoria do automobilismo mundial. Nela, o piloto conquistou seus maiores triunfos na carreira. Foram três títulos mundiais (1988, 1990 e 1991), 41 vitórias, 80 pódios e 65 poles². Em 1994, após um grave acidente na curva Tamburello, no Grande Prêmio de Ímola, Senna faleceu devido ao impacto de uma peça da barra de suspensão em sua cabeça.

4.1 Metodologia utilizada na análise

A pesquisa consiste na análise das edições do jornal “A Folha de São Paulo” publicadas entre os dias 02 e 04 de maio de 1994. Portanto, serão analisados os

² Pole position é o piloto que começa na primeira posição de uma corrida. Geralmente, o piloto obtém a pole por meio de um teste classificatório. O atleta que obtiver o melhor tempo no circuito, larga na frente.

três primeiros jornais publicados na semana da morte de Ayrton Senna. Todo o material foi consultado no acervo da Folha de São Paulo, disponível em.

No total, serão analisadas quinze matérias publicadas nos três dias. Foram selecionadas as matérias que abordam diretamente a morte de Senna. Portanto, matérias que falavam da vida do piloto, entrevistavam outros pilotos e continham somente homenagens não farão parte da análise. Durante os dias selecionados para análise mais de 150 conteúdos acerca da morte de Senna foram veiculados e seria inviável o aprofundamento em cada um desses temas. Ao longo da seleção, percebeu-se, portanto, a potencialidade de verificar quais desses conteúdos, de fato, tratavam do atleta em si.

Em relação ao conteúdo, a análise será feita da seguinte forma: as matérias da capas de esporte e da capa Senna (feita exclusivamente para o dia 02 de maio) terão seus *lead* analisados com o objetivo de encontrar a maneira que o jornal encontra para chamar a atenção do público para as matérias seguintes ao longo do caderno. As matérias internas terão suas fontes analisadas, seguindo as definições de Rossi (2006) e Schmitz (2011); o título será analisado para apontar como ele é usado para manter o leitor na matéria. E caso o texto apresente algum teor sensacionalista, ele também será analisado nesse quesito, seguindo as definições de Angrimani (1995) e Silva (2007). Neste caso, o principal objetivo é procurar a maneira como a mídia dramatiza e/ou banalizar a morte.

4.2 02 de maio de 1994

A primeira edição da semana talvez tenha sido a mais difícil de se produzir pela Folha de São Paulo. Por ser tratar de uma tragédia, o jornal sofreu alterações em seu conteúdo para que pudesse noticiar o acidente fatal do piloto. Como destaca Caversan (2009) ao afirmar que o trágico acidente de Senna mobilizou os jornalistas que trabalhavam em diversas editorias.

A capa do dia 02 de maio (Figura 4) vai de forma simples e direta ao ponto e informa: “Acidente mata Ayrton Senna”. A capa apresenta uma foto de Senna em sua preparação para a corrida de Ímola e faz uma chamada para uma matéria localizada no caderno “Senna”.

Figura 4: Capa Folha de São Paulo em 02 de maio de 1994



Fonte: <https://acervo.folha.com.br/index.do>

Senna foi o principal destaque das edições daquela semana. O grande número de matérias voltadas para a morte do piloto, corrida, acidente e sobre a vida pessoal de Ayrton se enquadram na Teoria do Agendamento que preconiza que “a repetição de um tema reforça a sua importância” e que mediante essa Teoria, “a mídia sugere quais os temas devem fazer parte da agenda pública”. (SOUZA, et al 2014, p. 264)

É possível perceber, portanto, que naquele momento a morte de Ayrton Senna era um assunto primordial para os jornais brasileiros. Afinal, Senna era um tricampeão mundial de Fórmula 1 e por muito tempo foi o destaque esportivo do país. Como enfatiza Scarduelli (1995, p.18) ao analisar a morte do piloto na mídia brasileira “começa um processo de comoção nacional que vai influenciar integralmente a programação dos meios de comunicação”.

Angrimani desta que a “morte como espetáculo interessa a todos”. Fator esse que também irá fazer os jornais publicarem incansavelmente as mais diversas notícias sobre a morte de Senna, pois será um assunto de interesse nacional.

A primeira grande matéria voltada para a morte do piloto aparece como capa do caderno “Senna” (Figura 5), desenvolvido especialmente para o atleta.

Figura 5: Capa do caderno “Senna”

...a
...do
...as
...iam
...rro

SENNÁ

Piloto de
victórias
1973, que
venceu
correndo

FOLHA DE S. PAULO - Segunda-Feira, 2 de maio de 1994 - Especial - I

Morre aos 34 anos Ayrton Senna, tricampeão mundial de Fórmula 1

FLAVIO GOMES

O brasileiro Ayrton Senna da Silva, 34, piloto profissional de Fórmula 1, morreu ontem em Imola, Itália, em consequência de um acidente sofrido na sétima volta do Grande Prêmio de San Marino, terceira etapa do Campeonato Mundial.

Senna fez seu último a quase 300 km/h na curva Tamburello, a primeira do circuito de Imola, às 14h13 local (16h13 de Brasília). Foi levado ao hospital Magliana a 33 km de distância, de helicóptero.

Os médicos, porém, não foram otimistas na hora de avaliá-lo. No hospital para o hospital, teve uma parada cardíaca. Às 19h30, seu corpo foi do mundo profano.

O piloto apresentou honras militares internas e externas por suas façanhas.

Recebeu uma transfusão de 4,5 litros de sangue, na tentativa de reverter o sangramento.

O acidente de ontem foi fatal às 18h42 local pelo médico Mário Terezo Costa, entendendo pelo setor de manutenção do hospital Magliana.

Pouco antes ocorreu a atividade cerebral de Senna, apesar de sua idade já não estar, seriam mundos anáforicamente.

O acidente foi causado, provavelmente, por uma queda no suspensão traseira de seu carro. O supercarrista é responsável por muitos acidentes de carro de alto nível.

A Williams não fez nenhuma declaração oficial sobre as causas do acidente de Senna.

Ayrton morreu um dia depois do brasileiro Roberto Benetton, do time Minardi, na mesma pista.

O fim da carreira de Imola teve ainda um grave acidente com o brasileiro Roberto Benetton, da Benetton, na sexta-feira, e dois outros, entre espectadores e residentes.

Ayrton Senna da Silva era tricampeão mundial de Fórmula 1, repetida da primeira posição em campo e segundo melhor vencedor de corridas na história.

Hoje completou 34 anos, mas não conseguiu vencer nenhuma corrida em Imola, sua cidade natal, na sexta-feira, 19 de maio, no Grande Prêmio de San Marino, terceira etapa do campeonato. O acidente não chegou a interromper a vitória no prêmio por causa do acidente com Senna.

O corpo do piloto brasileiro deve ser enterrado hoje para o Brasil.



O Williams Renault de Ayrton Senna, destruído após o acidente que matou o piloto brasileiro em Imola, na Itália.



Senna, o dono do seu carro, se concentra para a corrida.



Senna é transportado inconsciente numa maca para o hospital em Bolonha.



Momento em que o carro do piloto brasileiro colide contra o muro de proteção após perder controle na curva Tamburello.

Fonte: <https://acervo.folha.com.br/index.do>

A matéria escrita pelo jornalista Flávio Gomes é responsável por trazer as informações iniciais e mais importantes sobre o acidente fatal de Senna. Ela se enquadra no que Pena (2012) considera um bom *lead*. Segundo o autor, o *lead* “nada mais é do que o relato sintético do acontecimento logo no começo do texto, respondendo às perguntas básicas do leitor: o quê, quem, como, onde, quando e por quê”.

Ao analisar o conteúdo presente no *lead* da matéria podemos encontrar as respostas para estas perguntas, que são respectivamente: Morte de Senna, Ayrton Senna, decorrente de um acidente, Bolonha (Itália), na sétima volta do Grande Prêmio de San Marino, respondem, respectivamente, as cinco primeiras perguntas propostas pelo autor.

Pena e Correa ainda destacam que o *Lead* tem sete funções básicas: 1) apontar a singularidade daquela história, 2) informar as novidades sobre um fato, 3)

apresentar pessoas e locais relevantes para um acontecimento, 4) contextualizar o evento, 5) fazer com que o leitor continue lendo o restante da matéria, 6) articular de forma racional os diversos elementos constitutivos do acontecimento 7) resumir a história, mas sem perder a sua articulação e a deixando atrativa.

Como singularidade da história podemos destacar a batida fatal de Ayrton, pois mesmo a Fórmula 1 carregando diversas tragédias ao longo de sua história, Senna era um piloto brasileiro e ídolo do esporte nacional. Além disso, dois pilotos perderam suas vidas durante aquele final de semana, Roland Ratzenberger e Ayrton Senna, respectivamente. Fator esse que traz um ar ainda mais singular para a ocasião, tendo em vista que a última morte em provas oficiais tinha ocorrido em 1982, no Grande Prêmio do Canadá, com o falecimento do piloto italiano Riccardo Paletti.

O jornalista responsável pela matéria apresenta pessoas e locais relevantes para um acontecimento, no caso, o piloto Ayrton Senna e o circuito de Ímola, na Itália. Por ser um lead, o autor do texto precisa resumir todo um acontecimento em suas informações principais e mesmo assim deixar o parágrafo atrativo para despertar a curiosidade do leitor. O jornalista traz as informações básicas sobre o ocorrido e ao longo do texto revela novidades sobre o fato, como horário oficial e causa exata da morte, procedimentos médicos realizados, motivo do acidente, pronunciamento da equipe e um resumo da carreira do piloto na Fórmula 1.

A segunda matéria voltada para o piloto traz um assunto que será abordado mais vezes ao longo da semana por diversos veículos de comunicação: a possível vontade de não disputar a corrida em Ímola (Figura 6).

Figura 6: Senna não queria correr, diz modelo



Paulo Heryns - 23 Jun 1973/Folha Imagem

A modelo Adriane Galisteu, que estava em Portugal

Senna não queria correr, diz modelo

Piloto telefonou para a namorada

Do "NP" e da Reportagem Local

Ayrton Senna não queria correr em Imola. Ele falou de sua preocupação em um telefonema no sábado para a namorada, a modelo Adriane Galisteu, que estava em Portugal, na casa de Senna.

"Ayrton tinha um pressentimento ruim e confessou para a Adriane que não tinha coragem de correr em Imola", disse ontem a mãe de Adriane, Emma Keleman Galisteu.

Ainda sem saber do acidente de Senna, a modelo ligou para a mãe, em São Paulo. Foi a mãe quem lhe deu a notícia.

A modelo desistiu de viajar para Imola depois de saber da morte do navegador. Ela agora volta para o Brasil.

Adriane estava namorando Senna desde o ano passado.

Eles se conheceram em uma festa na boate Limelight (zona oeste de São Paulo), depois do Grande Prêmio do Brasil do ano passado.

Era o dia 28 de março, Senna pediu e ganhou o telefone da modelo. No dia seguinte, o piloto ligou e convidou Galisteu para passar um fim-de-semana em Angra dos Reis, no Rio.

Galisteu não sabe o dia exato em que começou o namoro. Mas os dois passaram a se considerar namorado e namorada na segunda quinzena de abril do ano passado.

Adriane Galisteu nasceu em São Paulo, em 18 de abril de 1973. Modelo, fez as primeiras poses para publicidade quando tinha nove anos.

Em entrevista à "Revista da Folha", no ano passado, ela disse que preferia a F-1 à F-Indy: "Acho a Indy muito perigosa".

Fonte: <https://acervo.folha.com.br/index.do>

O texto pode possuir um teor sensacionalista ao tentar abordar uma temática mais mística e sobrenatural como se Senna sentisse o que viria a acontecer na corrida, fazendo com que a matéria jornalística fuja da realidade. Como explica Angrimani (1995, p.17) "a mensagem sensacionalista é, ao mesmo tempo, imoral-moralista e não limita com rigor o domínio da realidade e da representação".

O trecho "Ayrton tinha um pressentimento ruim e confessou para a Adriane que não tinha coragem de correr em Imola", comprova o ponto apontado por Angrimani, pois a matéria tenta, por meio de uma fonte próxima ao piloto, encontrar uma justificativa, sentimento e premonição por trás de seu acidente.

Mesmo trazendo uma abordagem diferente para a matéria, o jornal apresentou fontes que pudessem “garantir a veracidade do fato”. Entretanto, por ser a mãe da namorada de Senna, a fonte se enquadra em um aspecto revelado por Pena (2012) que deve ser ponderado, pois “a fonte de qualquer informação nada mais é do que uma interpretação subjetiva sobre um fato”. O autor afirma que as informações cedidas pelas fontes podem ser baseadas de acordo com a vivência e experiência dela sobre algum acontecimento. Ou seja, o abalo causado pelo falecimento do namorado pode acabar gerando uma mudança e inconsistência no discurso apresentado pela modelo.

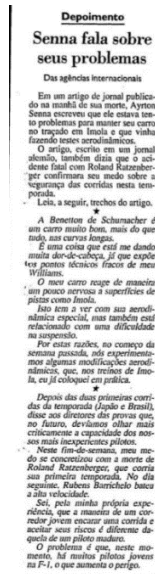
Por fim, podemos perceber algo comumente presente na mídia brasileira, inclusive na tragédia envolvendo Senna. Os jornais tentam encontrar sinais de que a tragédia poderia ser evitada e até mesmo procuram encontrar algum vestígio de pressentimento sobre a fatalidade. Ao longo da análise, esses pontos serão observados em outras matérias. Em algumas delas, os jornalistas julgam a preocupação de Senna antes da corrida como um sentimento de que algo ruim viria a ocorrer.

Se considerarmos as características iniciais do sensacionalismo, apontadas por Angrimani, percebe-se a presença de uma delas, no caso a inverossimilhança, pois a narrativa não se sustenta apenas com o depoimento apresentado no texto.

A próxima matéria a ser analisada nesse dia é intitulada “Senna fala sobre os problemas” (Figura 7) e traz um depoimento de Senna publicado em um jornal alemão no dia de sua morte. Segundo Pena (2012), essa prática é intitulada de “esquentamento” de notícias que acontece quando a suíte não faz referência direta ao fato anterior. O texto é voltado para as dificuldades de Ayrton na temporada, uma pequena análise do carro pilotado por Schumacher e sua reação com a morte de Ratzenberger.

Rossi (2006) aponta que qualquer pessoa pode ser uma fonte jornalística, porém algumas são mais autorizadas do que outras. Ao trazer Ayrton Senna como fonte, o jornal alemão demonstra o ponto provado por Rossi, já que a experiência do piloto pode trazer mais embasamento para a notícia e confiança ao leitor. O autor também destaca que mesmo algumas fontes sendo mais autorizadas, cabe ao jornalista saber se são confiáveis.

Figura 7 - Senna fala sobre seus problemas



Fonte: <https://acervo.folha.com.br/index.do>

A matéria também traz o real motivo da preocupação de Senna para aquele final de semana, que é apresentada no trecho: “Neste fim de semana, meu medo se concretizou com a morte de Roland Ratzenberger, que corria em sua primeira temporada”. Com a citação do piloto, fica mais do que claro que uma de suas preocupações era com a segurança oferecida pela Fórmula 1 e pela morte de um companheiro de trabalho. Mesmo a matéria sendo veiculada na Folha, o jornal, por meio da matéria de Adriane Galisteu e de outras que ainda serão analisadas, tentam colocar em Senna a sensação de uma tragédia a caminho.

4.3 03 de maio de 1994

Senna também é o destaque da capa no dia 03 de maio (Figura 8).

Figura 8: Capa 03 de maio de 1994



Fonte: <https://acervo.folha.com.br/index.do>

A partir dessa data, as notícias foram voltadas ao desenrolar do trágico evento e suas naturais repercussões. Essa temática já é apresentada na capa do jornal, que destaca uma matéria interna sobre a chegada do corpo de Ayrton. A capa também traz a informação de que o diretor da Williams³ culpou Senna pelo acidente e que os administradores do circuito foram indiciados sob acusação de homicídio culposo.

Figura 9 – Capa do caderno de esportes do dia 03 de maio

³ Williams é uma equipe britânica de Fórmula 1. A escuderia foi fundada em 1977, por Frank Williams e Patrick Head.



Fonte: <https://acervo.folha.com.br/index.do>

Como apontado por Pena (2012), um bom lead deve responder as seguintes questões: o quê, quem, como, onde, quando e por quê. Ao analisar a matéria intitulada “Corpo de Senna chega amanhã”, percebe-se que ela responde as perguntas propostas pelo autor. A chegada do corpo de Senna, Ayrton Senna, em um voo de carreira da Varig, da Itália para São Paulo, às 5h50 da manhã do dia 04 de maio, respondem, respectivamente: o quê, quem, como, onde, quando. A resposta do “por quê” pode ser encontrada no terceiro parágrafo, quando o autor da matéria afirma que as exigências da legislação italiana impediram que o traslado do corpo acontecesse no dia anterior.

Usando os conceitos de um bom *lead*, definidos por Pena e Correa, entende-se que o jornalista Flávio Gomes coloca essas funções em prática. Como já se sabe, a singularidade está na tragédia envolvendo Senna. Em relação às novidades de um fato, temos a confirmação da chegada do corpo do atleta ao Brasil. Como pessoas e locais relevantes para um acontecimento podemos destacar Ayrton Senna (pessoa), Itália (local da morte) e Brasil (local onde o corpo chegará). Ao trazer as novidades sobre o desenrolar do falecimento de Ayrton, o jornalista traz a atenção e

curiosidade do leitor com informações sobre a autópsia do atleta e detalhes da investigação feita pela justiça italiana.

A possível vontade de não competir em Ímola volta a ser noticiada (Figura 10). Novamente a namorada do piloto volta a ser entrevistada e traz novas informações sobre a última conversa com Senna.

Figura 10 – Senna pensou em não correr, diz namorada



Fonte: <https://acervo.folha.com.br/index.do>

A matéria possui as mesmas características do texto publicado em 02 de maio de 1994, com o título “Senna não queria correr, diz modelo”. O texto tenta fugir da realidade, pois procura encontrar um sentimento vindo de Senna sobre a possibilidade não correr a corrida de 01 de maio.

A fonte continua sendo a namorada de Senna, Adriane Galisteu. Segundo Schmitz (2011) essa é uma fonte individual, pois “representa a si mesma.” Entretanto, como já apresentado, ela caiu na contradição que Pena (2012) apresenta sobre algumas fontes.

A próxima matéria a ser analisada (Figura 11) traz novos pontos de vistas. Patrick Head (diretor da Williams), Alain Prost (ex-piloto de Fórmula 1), um engenheiro e um diretor técnico dão seus depoimentos sobre a fatalidade.

Figura 11 – Williams põe em Senna culpa por acidente

4-6 Terça-Feira, 3 de maio de 1994 esporte FOLHA DE S. PAULO

Williams põe em Senna culpa por acidente

Segundo o diretor Patrick Head, o brasileiro teria tirado o pé do acelerador sobre uma ondulação da pista

Das agências internacionais

O diretor técnico da Williams, Patrick Head, disse que o acidente que matou Ayrton Senna foi causado por uma falha do piloto.

"Ayrton cometeu um erro", disse Head. "Ele tirou o pé do acelerador levemente, justo quando passava sobre uma ondulação da pista."

Segundo Head, a ondulação se devia a uma mudança no revestimento da pista, o que tirou a aderência do Williams de Senna.

O diretor técnico disse que a informação foi obtida através de consultas à telemetria (computadores que recebem dados sobre o carro durante a prova).

O tetracampeão mundial Alain Prost, que disputou a temporada de 93 pela Williams, rechaçou a hipótese levantada por Head.

"Foi um problema mecânico e não um erro de pilotagem", afirmou o ex-piloto francês, que deixou as pistas ao final da última temporada.

As investigações sobre as causas do acidente serão concluídas junto com a FIA (Federação Internacional de Automobilismo, órgão que dirige o automobilismo internacional).

Frank Dornie, engenheiro da equipe Benetton-Ford, lançou uma nova hipótese para o episódio. Na sua opinião, a pressão dos pneus pode ter causado a batida.

As equipes tiveram que iniciar a corrida com pneus em baixa pressão. "O calor fazia a pressão aumentar rapidamente", explicou Dornie.

A entrada do pace-car (carro de segurança) durante quatro voltas modificou a situação.

O pace-car entrou na pista depois do acidente na largada entre o português Pedro Lamy (Lotus) e o finlandês J.J. Lehto (Benetton).

Os carros foram forçados a desacelerar, o que fez a pressão dos pneus cair a um nível ainda mais baixo.

Com a saída do pace-car, os carros voltaram a um ritmo mais veloz. No entanto, como a pressão dos pneus era menor do que a anterior, teriam menos aderência.

Outro técnico, André de Cortinze, diretor da equipe Sauber-Mercedes, concordou com Dornie em relação a esse aspecto.

Ele disse que o GP deveria ter sido paralisado para que fosse dada uma nova largada, com os carros parados, como previa o regulamento da Fórmula 1 até 92.



Senna mostra tensão nos boxes da pista de Aida, no Japão



No circuito de Jerez, em 92, ele sorri no box da McLaren



Fonte: <https://acervo.folha.com.br/index.do>

O texto apresenta fontes bem autorizadas como destaca Rossi (2006), pois ao trazer profissionais do ramo automobilísticos, a matéria é reforçada e traz mais confiança ao leitor. Entretanto, podemos perceber a "interpretação subjetiva" citada por Pena (2012) sendo executada pelas fontes participantes da matéria. O autor cita que a fonte pode direcionar um fato para promover os seus próprios interesses. Esse direcionamento pode ser percebido na resposta dada pela Williams sobre o acidente fatal de Senna. A equipe tenta tirar a culpa da fatalidade e joga para Senna o erro que causou a batida. O texto apresenta o depoimento de Patrick Head, diretor da escuderia, que afirma que Ayrton tirou o pé do acelerador quando passava em uma ondulação da pista. Para tentar confirmar a informação, Head ainda destaca que os dados foram obtidos através da telemetria do carro de Senna.

Em 1997, a justiça italiana indiciou ⁴Patrick Head (diretor da Williams e fonte da matéria) pela quebra da barra de direção que resultou na morte de Senna. Entretanto, o crime já estava prescrito e ninguém foi preso. O fato prova ainda mais o ponto de Pena (2012) sobre o direcionamento de fatos para benefício de uma fonte.

⁴ Patrick Head e outros membros da Williams foram indiciados pela morte de Senna. Como mostra a matéria a seguir <https://globoesporte.globo.com/motor/formula-1/blogs/f1-memoria/post/2020/02/20/seis-pessoas-foram-indiciadas-por-acidente-com-ayrton-senna-em-imola-mas-ninguem-acabou-presos.html>

Novamente é possível perceber que o jornal traz fontes autorizadas, segundo Rossi (2006). Os três trazem depoimentos que afirmam que houve um erro mecânico e não humano. As afirmações, embora ainda não estivessem confirmadas como oficiais provam novamente o ponto apresentado por Pena (2012) que enfatiza que cada fonte procura defender seus próprios interesses.

Embora a matéria não apresente sinais de sensacionalismo, o jornal “A Folha de São Paulo” usou o título para atrair o público. Mesmo com três fontes acreditando em uma possível falha mecânica e apenas uma acusando um erro do piloto, o jornal utilizou o depoimento desta fonte para escrever o título. De certa forma, esse título chama mais a atenção do público, pois fala diretamente de Senna e de um possível erro que lhe custou a própria vida. Caversan (2009) destaca a importância de um bom título ao afirmar que “o título é a porta de entrada de um texto, é o que vai fazer com que o leitor decida ler aquela matéria ou vá em frente”.

A próxima matéria (Figura 12) apresenta a dificuldade e a adaptação de Senna com a sua nova equipe após seis temporadas na McLaren. Novamente podemos ver a importância que Caversan (2009) dá para o título ao destacar que ele “vai fazer com que o leitor decida ler aquela matéria ou vá em frente”. O título procura trazer a emoção ao leitor, provocando um saudosismo dos títulos e vitórias de Senna na McLaren e até um sentimento de raiva com a nova equipe Williams.

Figura 12 – Senna só sorriu na McLaren

Senna mostra tensão nos boxes da pista de Aida, no Japão

No circuito de Jerez, em 92, ele sorri no box da McLaren

Senna observa monitor nos boxes da Williams no Brasil

No GP Brasil de 92, está mais descontraído na McLaren

Antes do treino do último sábado, o piloto tem ar sério

No GP Brasil de 92, Senna demonstra confiança no cockpit

Senna só sorriu na McLaren

Adaptação do piloto à equipe Williams estava sendo muito difícil

Do enviado especial

Ayrton Senna só sorriu na Williams uma vez. Foi no início de março, no mesmo circuito onde morreu. Pela primeira vez em dois meses o carro que esteve em seus sonhos durante tanto tempo lhe deu alguma satisfação.

Naqueles testes em Imola, quatro dias andando ao lado de quinze outras equipes que se prepara-

vam para a abertura do campeonato, Ayrton foi sempre o mais rápido.

No último dia, foi superado no cronômetro pelo Benetton de Michael Schumacher.

"Aguilo não foi real", explicou depois. A Williams estava marcando os tempos de Senna em outro ponto da pista.

Os testes anteriores, no Estoril, Silverstone e Paul Ricard, haviam mostrado ao piloto que não seria nada fácil confirmar o favoritismo da Williams.

O início do relacionamento com a nova equipe era difícil. Senna passara seis anos na McLaren. Conhecia todos os funcionários. Na Williams, era quase um estranho.

Nos finais de semana de GPs, Ayrton esteve sempre tenso e preocupado. Ele sabia que seu carro era perigoso porque tinha

problemas de projeto.

No Japão, antes do GP do Pacífico, Senna desabafou a amigos: "Bem na minha vez caguei no carro", falou.

A última imagem de seu rosto foi exibida pela TV italiana antes do GP de San Marino. Ayrton colocou a balaclava, um capuz antichamas usado sob o capacete. Sem exagero, seu olhar parecia prever o que iria acontecer.

(Flávio Gomes)

Fonte: <https://acervo.folha.com.br/index.do>

Com a mudança do regulamento⁵ da Fórmula 1, o carro da Williams teve dificuldades para se adaptar às regras de 1994. O tema é abordado com um depoimento de Ayrton e que traz mais veracidade para a narrativa.

Entretanto, o jornalista esbarra em uma das definições de Angrimani (1995) sobre o sensacionalismo. O autor destaca que "a mensagem sensacionalista é, ao mesmo tempo, imoral-moralista e não limita com rigor o domínio da realidade e da representação". Podemos perceber essa ação no último parágrafo quando o jornalista descreve a última imagem de Senna "Ayrton colocava a balaclava, um

⁵ Para frear a dominância da Williams, a organização da Fórmula 1 mudou algumas regras no regulamento para 1994. A matéria a seguir conta com detalhes o ocorrido <https://www.uol.com.br/esporte/f1/ultimas-noticias/2014/04/28/capitulo-1-a-f1-mudou-em-94-e-a-williams-de-senna-nao-era-mais-a-mesma.htm>

capuz antichamas usado sob o capacete. Sem exagero, seu olhar parecia prever o que iria acontecer”. O jornalista associa a preocupação de Senna com o pressentimento de sua morte, porém como correspondente de Fórmula 1, ele poderia imaginar que Senna poderia estar abalado com a morte de Roland Ratzenberger no dia anterior ou até mesmo com os seus maus resultados nas primeiras corridas.

4.4 04 de maio de 1994

A capa do dia 04 (Figura 13) de maio traz um importante fato sobre o acidente de Senna. Uma chamada aponta que a morte de Ayrton ocorreu no autódromo e não no hospital como havia sido especulado. O trecho de maior destaque da capa é “o coração do piloto chegou batendo no hospital porque contava com o auxílio de equipamentos”. Esse trecho, além de impactante, é lembrado até hoje, pois após o acidente de Senna, a corrida continuou. Ação duramente criticada pelos pilotos que corriam naquele dia. Segundo os atletas⁶, os organizadores da prova afirmaram que estava tudo bem o Senna.

Figura 13 – Capa 04 de maio de 1994

⁶ Martin Brundle, ex-piloto de Fórmula 1, afirmou em uma entrevista que não gostaria de ter terminado aquela corrida. O vídeo a seguir mostra a entrevista de Martin
<https://www.youtube.com/watch?v=iJKJ17BOrr0&feature=youtu.be&t=1695>



Fonte: <https://acervo.folha.com.br/index.do>

A primeira matéria do dia 04 (Figura 14) de maio traz informações sobre a conclusão da autópsia de Senna.

Figura 14 – Morte de Senna foi instantânea, segundo conclusão da autópsia



Fonte: <https://acervo.folha.com.br/index.do>

“Ayrton Senna teve morte cerebral instantânea no acidente de domingo em Ímola, na sétima volta do GP de San Marino de F1. Essa foi a conclusão dos legistas que ontem fizeram a autópsia no corpo do brasileiro, piloto da equipe Williams. Os dirigentes das F1 souberam que ele havia morrido antes de reiniciar a corrida, meia hora depois do acidente” informa o lead da matéria.

Ao analisar o lead da matéria, podemos perceber que ele atende mais uma vez aos critérios apontados por Pena (2012). A confirmação da morte cerebral (o quê), Ayrton Senna (quem), por meio de uma autópsia (como), Ímola (onde) e ontem (quando) são as respostas para as perguntas propostas pelo autor para a formação de um bom lead.

Como apresentado nessa análise, Pena e Correa destacam que o Lead tem sete funções básicas. Ao analisarmos o lead da matéria “Morte de Senna foi instantânea, segundo conclusão da autópsia” encontramos algumas dessas funções citadas pelos autores. Assim como as outras matérias de capas analisadas, a morte de Senna é a grande singularidade da história. Como novidade ao fato, podemos destacar as novas informações trazidas pelo jornalista que destaca a morte do piloto como instantânea e não no hospital de Bolonha como muitos imaginavam. Ao trazer essa novidade para a matéria, o autor do texto provoca a curiosidade do público e assim realiza mais uma das funções propostas para um bom *lead*.

A próxima matéria a ser analisada traz o resultado do acidente ao corpo de Senna, mais precisamente em sua cabeça, no ponto de vista de uma legista.

Figura 15 – Base do Crânio explodiu, descreve legista



Fonte: <https://acervo.folha.com.br/index.do>

Logo no início podemos perceber uma prática que define a importância do título, segundo Caversan (2009). O autor destaca que o título é fundamental para a permanência do leitor no texto. Ao analisar o título “Base do crânio explodiu, descreve legista” percebe-se que o título traz um teor sombrio, sangrento e espetacular, pois dramatiza o ocorrido e por meio desta dramatização chama a atenção do leitor.

Sobre essa dramatização, podemos destacar o que Silva (2007, p.92) define como temas recorrentes em jornais com elementos sensacionalistas. Segundo a autora, a morte, a violência e o sexo são dramatizados e transformados em espetáculos por esses jornais. A autora finaliza afirmando que essa prática banaliza acontecimentos dramáticos.

Toda essa dramatização pode ser percebida em trechos como “Muito inchada, a cabeça quase se juntava aos ombros”, “Segundo a médica, a parte superior do corpo de Senna parecia uma pirâmide e “ele já não tinha mais sangue”. Essas transcrições mostram a espetacularização da morte de Senna e como ela foi usada para atrair o público, pois além de conter uma linguagem chamativa, a matéria conta com uma especialista como fonte principal das informações divulgadas, fazendo com que a matéria se enquadre no que no que Rossi (2006) define como um fonte autorizada e assim mantendo a atenção do público com a credibilidade passada pelo texto.

A próxima matéria a ser analisada traz a reação de um enfermeiro ao ver o rosto de Senna após o acidente. Com o título “Quando vi o rosto de Senna, fiquei gelado” (Figura 16) conta com detalhes do ponto de vista de Stefano Bonaiuti sobre a fatalidade com Ayrton.

Figura 16 – “Quando vi o rosto de Senna, fiquei gelado”

FOLHA DE S. PAULO esporte Quarta-Feira, 4 de maio de 1994 4-5

‘Quando vi o rosto de Senna, fiquei gelado’

O enfermeiro Stefano Bonaiuti, a primeira pessoa a socorrer Senna, diz que o piloto ‘lutou para continuar vivo’

RICARDO SETYON e MICAELA TRIGO
De Bolonha, especial para a Folha

A 40 metros do mortal acidente de Ayrton Senna, Stefano Bonaiuti presenciou o fim da carreira do piloto. Esse enfermeiro de 40 anos, que também é o coordenador técnico de todos os serviços de UTI e urgências da região de Bolonha, foi o primeiro a chegar ao socorro de Senna, antes de qualquer médico. Ainda abalado emocionalmente e entre choros, Stefano Bonaiuti deu entrevista à Folha:

Folha - Você viu bem de perto o acidente. Qual foi sua impressão do que aconteceu?
Stefano Bonaiuti - Eu estava muito perto da curva Tamborello. O que lá não vou esquecer nunca. A velocidade que o carro estava na curva era impressionante, mas já era de se esperar, quando uma organização não define um limite. Além dos 20 cm de grama, a curva é feita só de concreto, sem nenhum tipo de proteção e um corte-cinquentas. Quando tirei o capacete de Senna, fiquei gelado. Dois dias atrás, quando foi visitar Barrichello, comprimentou-me e felicitou-me pelo grande trabalho que havíamos feito com Rubens, e naquele instante estava morrendo nas minhas mãos.

Folha - No hospital, o ambiente era de muita tensão, mesmo antes de o corpo chegar. Como pode descrever a situação da equipe no transporte de Senna?
Bonaiuti - Quando retiramos o capacete de Senna a visão foi terrível. Em 17 anos de experiência,

Projeto quer proibir GPs
Das agências internacionais

O deputado Paulo Gallesi, do Partido Verde, apresentou ao Parlamento italiano um projeto de lei para que sejam proibidas todas as competições que ossem carros e motos que possam ultrapassar os 200 km/h.

Gallesi, depois dos acidentes fatais de Imola, quer que a suspensão das provas seja imediata em todo o território nacional.

posas vezes vi um rosto em tão péssimas condições. Mesmo antes de o helicóptero chegar, já trabalhávamos na remoção do corpo, mas a hemorragia era muito grande, devido ao grande impacto no lado frontal direito da cabeça.

Era inacreditável ver o quanto Senna lutava como um touro para continuar vivo, juntamente com o corpo médico, que continuou lutando para haver reações positivas. No hospital, para ganhar mais tempo, corri com os resultados do eletroencefalograma de um lado para outro, sempre na esperança de que Senna nos surpreendesse.

Folha - Qual é a impressão que Senna deixou em você depois desse terrível desastre?
Bonaiuti - Minha impressão e admiração pelo Senna já vêm de muito tempo atrás. Vem da época que ele começou a aparecer e a surpreender nas pistas, como ninguém mais poderia faz-lo. Era delicioso ver sua superintendência, conseguindo sempre o mais difícil, como ser o “campeão da chuva”, mostrando a intimidade que tinha com as pistas.

Além de tudo, mostrou sempre ser uma pessoa conscienciosa, como no sábado, após a morte do piloto austríaco. Ele queria esclarecimentos sobre o acidente.

O retorno
O carro fúnebre transportando o corpo de Ayrton Senna chega ao aeroporto de Bolonha, na Itália, sob esquema especial de segurança. O caixão, que estava envolto na bandeira brasileira, deixou o Instituto Médico Legal da cidade, onde o corpo do piloto passou por necropsia, e foi embarcado para o Brasil, com chegada prevista para a manhã de hoje.

O frade
O médico

Fonte: <https://acervo.folha.com.br/index.do>

Segundo o texto, Stefano Bonaiuti era o coordenador técnico de todos os serviços de UTI e urgência e urgência na região de Bolonha. Além disso, o enfermeiro estava a 40 metros do acidente de Senna. Sendo assim, o jornal além de trazer uma fonte autorizada, pois está entrevistando o responsável pelos atendimentos da região, também traz uma testemunha ocular do acidente, sendo enquadrado, portanto, como uma fonte testemunhal.

Ao ser questionado sobre o estado físico de Ayrton, o enfermeiro respondeu com as seguintes afirmações: “Quando tirei o capacete de Senna, fiquei gelado” e “Quando tiramos o capacete de Senna a visão foi terrível. Em 17 anos de experiência, poucas vezes vi um rosto em tão péssimas condições”.

Essa narrativa usando se enquadra na dramatização de notícias sobre morte, violência e sexo, segundo Silva (2007). Seguindo as definições de Duarte (2003, p.213, apud Silva, 2007, p.69) existe uma diferença entre jornal sensacional e sensacionalista. O jornal sensacional seria aquele que busca dramatizar uma história ou fato. O sensacionalista é aquele manipula ou descontextualiza o ocorrido.

Se considerarmos o que os autores definem como sensacional e sensacionalista, podemos afirmar que a matéria sobre Senna é sensacional, pois traz toda uma carga dramática em volta da morte do piloto.

A próxima matéria analisada também conta com a reação de uma pessoa com o rosto de Senna. Desta vez, o frade Amedeo Zuffa dá seu depoimento sobre o estado do piloto. Amedeo morava no hospital Maggiore, em Bolonha. O texto (Figura 17) é intitulado de “É duro dizer, mas sua face não era humana”

Figura 17 - “É duro dizer, mas sua face não era humana”

‘É duro dizer, mas sua face não era humana’

De Bolonha, especial para a **Folha**

O frade Amedeo Zuffa, 82, da Ordem dos Capuccinos, estava no 12º andar do hospital Maggiore, em Bolonha, onde mora, quando percebeu o que estava acontecendo.

Amedeo somente sabia que era um piloto muito famoso e querido, que havia conhecido na sexta-feira, quando Rubens Barrichello foi internado, após seus acidentes nos treinos.

E foi aí também que percebeu o quanto que esse piloto famoso e querido, de nome Ayrton Senna, era importante para seu país.

O frade Amedeu desceu imediatamente para saber maiores detalhes do acidente.

“Quando desci, desconhecia a consequência desse acidente. Logo que soube o que havia acontecido, tentei localizar algum parente de Senna, para poder fazer a extrema-unção. Foi quando me apresentaram o irmão de Senna, Leonardo. Ele me pediu para entrar e fazer a extrema-unção, porque Senna era um grande católico.”

O frade Amedeo ficou chocado com a imagem de Senna, segundo ele “um rapaz de rosto simpático e tranquilo”.

“Há muito tempo que não via uma pessoa ter seu rosto tão modificado. É duro dizer, mas a sua face não era de um ser humano. De qualquer modo o que eu tinha à minha frente era um ser bom, segundo muitas pessoas, um grande crente em Deus. Depois de me recuperar do choque, absolvi-o dos pecados e fiz a reza do S. Giacomo, em nome de todos nós, para que tenha a inteira paz nos céus”, completou.

Depois de ter estado em 1990 no Brasil, onde tem parentes, e ter visto a tristeza não só a nível brasileiro, como mundial, frade Amedeu realmente entendeu o que Senna significava para o Brasil.

(RSt e MTg)

Fonte: <https://acervo.folha.com.br/index.do>

Por se tratar de uma fonte do meio religioso, ela não se enquadra como autorizada, pois não tem conhecimento sobre automobilismo e questões de saúde (fratura de Senna). Entretanto, mesmo sem ver o acidente de Ayrton, podemos defini-la como fonte testemunhal, pois ela fez parte do grupo que teve contato com Senna no hospital. Portanto, se considerarmos que a angulação da matéria é voltada para a chegada do piloto no hospital, seu atendimento e o estado de seu corpo, Amedeo é sim uma fonte testemunhal.

Ao analisar o título, percebe-se que o jornal usa o conceito de Caversan (2009) para atrair o público. Pois é uma escrita chamativa e dramática sobre o estado físico de uma personalidade tão popular e querida no Brasil.

Além do título, a dramatização citada por Silva (2007) também pode ser observada no trecho “Há muito tempo que não via uma pessoa ter seu rosto tão modificado. É duro dizer, mas a sua face não era de um ser humano”, pois além de dramática e sangrenta, a descrição do rosto de Senna tira também o lado humano

do piloto, provocando questionamentos de como sua cabeça havia ficado após o choque de seu acidente. Novamente características do sensacional são observadas.

A última matéria a ser analisada conta com mais um depoimento sobre Senna. Desta vez, o médico Gordini contou seu ponto de vista sobre o acidente e estado de Senna. O médico foi o primeiro a socorrer Ayrton e o único que o acompanhou até o hospital. O texto (Figura 18) é intitulado de “O sangue corria de seu nariz e de sua boca”.

Figura 18 - “O sangue corria de seu nariz e de sua boca”.

‘O sangue corria de seu nariz e de sua boca’

De Bolonha, Especial para a Folha

“Tenho 40 anos e sou o chefe da UTI e da divisão de primeiros socorros de Bolonha. Faz muito tempo que não via uma fragmentação craniana tão impressionante.”

Gordini foi o primeiro médico a socorrer Senna e também o único que o acompanhou até o hospital.

As edições extraordinárias de telejornais de domingo trazem a sua imagem em ação ao lado da maca.

“Nunca pensei encontrar um quadro clínico tão grave. Em mais de dez anos de automobilismo, não tinha visto um acidente assim. Tentamos manter a frieza, mas o estado do crânio de Senna indicava

sinais de múltiplas fraturas e fortes hemorragias”, disse à Folha.

“O sangue de Senna corria de seu nariz e de sua boca. Quando tiramos os tampões das orelhas houve um enorme fluxo de sangue. O golpe foi gigantesco e frontal. Não há capacete que proteja a cabeça de um piloto a quase 300 km/h.”

“Enquanto fazíamos a passagem da maca para o helicóptero, Senna demonstrava sinais gravíssimos de hemorragia e dificuldades na respiração. Decidimos fazer uma minitrapeotomia e obtivemos bons resultados.”

“Com massagens cardíacas e todo o moderno equipamento do helicóptero, tínhamos alguma espe-

rança em fazer uma intervenção cirúrgica e conseguir resultados.”

“Mas as fraturas eram muitas e muito profundas. É difícil explicar o quanto o cérebro de Senna tinha sido afetado, levando em consideração que a cabeça do piloto estava aberta em vários pontos”, disse.

“Estava com o coração batendo, mas sem quase nenhuma atividade cerebral. Decidimo então cancelar a cirurgia e tentar de tudo para reverter a situação.”

Por fim diz: “O meu sentimento como médico é de um profissional que sofreu uma grande derrota. Como ser humano culpo todo o esquema pela morte de dois pilotos.

(RSt)

Fonte: <https://acervo.folha.com.br/index.do>

Novamente o título é dramático e até mais sangrento do que as outras matérias analisadas. O título se enquadra mais uma vez na definição de Silva (2007). A autora afirma que os jornais acabam “apresentando os fatos de maneira dramatizada e espetacularizada, estes jornais acabam levando à banalização dos acontecimentos dramáticos”.

A fonte da matéria pode ser considerada autorizada, como define Rossi (2006). Se utilizarmos as definições de Schmitz (2011), a fonte é especializada, pois “está relacionada a uma profissão ou área de atuação”. A matéria conta com mais dramatização sobre a morte do atleta. Os principais trechos são: “faz muito tempo que não via uma fragmentação craniana tão impressionante”, “o sangue de Senna corria de seu nariz e sua boca” e “Quando tiramos os tampões das orelhas houve um enorme fluxo de sangue”.

Angrimani afirma que em seu surgimento, o jornalismo sensacionalista possuía três características, são elas: exagero, falsidade ou inverossimilhança. Podemos destacar uma delas nas quatro matérias analisadas no dia 04 de maio de 1994. O exagero foi predominante nos textos que faziam referência ao estado clínico e físico de Senna. O jornal, ao trazer as novidades sobre o acidente de Senna, acaba produzindo um conteúdo em massa e acaba até mesmo esquecendo os limites éticos da profissão. Mesmo sendo um assunto que interesse de todos e utilizando fontes que presenciaram de alguma forma o acidente ou a chegada de Senna ao hospital, o jornal acaba dramatizando e transformando em espetáculo a morte do piloto.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi construída mediante a hipótese que a Folha de São Paulo poderia ter utilizado de sensacionalismo para noticiar a morte de Senna. Para isso, foram analisadas todas as matérias relacionadas diretamente com a morte do piloto, entre os dias 02 e 04 de maio de 1994. Foram selecionados 15 textos que abordam os mais temas desde o acidente, a causa da batida, a possível vontade de Senna em não competir naquele dia, a chegada do corpo e primeiros socorros.

Após a análise dos textos, foi constatado que a cobertura da Folha de São Paulo foi profissional e exata nesse material selecionado. O jornal utilizou de fontes especializadas nos assuntos e trazendo mais confiança para os leitores e credibilidade para as matérias. O jornal ainda acertou em trazer um texto sobre o posicionamento da equipe de Senna sobre o acidente. Na matéria, Patrick Head (Diretor da Escuderia) dá seu depoimento e afirma que a culpa do acidente foi causada pelo próprio piloto. Em 1997, o diretor foi considerado responsável pelo acidente, mas o crime já estava prescrito na justiça italiana.

Entretanto, mesmo com uma cobertura majoritariamente profissional e objetiva, o jornal apresentou algumas matérias com teor sensacionalista, principalmente no último dia analisado (04 de maio de 1994). Nos dois primeiros dias (02 e 03 de maio de 1994), o jornal noticiou que Senna não gostaria de correr a corrida que resultou em sua morte. Mesmo possuindo uma boa fonte, a sua namorada, o texto tenta encontrar um motivo além da realidade para a fatalidade de Senna. Fator esse que é citado por Angrimani (1995) como uma das características da prática sensacionalista.

Já em 04 de maio, a Folha produziu quatro textos que traziam o resultado do impacto ao corpo de Senna, mais precisamente a sua cabeça. A linguagem utilizada é muito sangrenta e dramática, além de desrespeitar o próprio piloto e fornecer ao público um choque e drama exacerbados mediante a leitura dos textos.

Conclui-se, portanto, que a hipótese apresentada que a Folha teria usado de sensacionalismo foi parcialmente confirmada, pois o jornal, em na maioria das notícias selecionadas, realizou uma abordagem profissional, ética e especializada

para noticiar o falecimento de Senna, mas em um pequeno número de textos ela usou a linguagem sensacionalista.

Porém, cabe destacar aqui que essa pesquisa analisou somente um recorte de tudo que foi publicado. Se considerarmos, por exemplo, a quantidade de publicações de diversas formas, abordagens e classificações que foram veiculadas nos dias em questão, é possível perceber que ocorreu, sim, uma exploração do fato e um sensacionalismo relacionado a quantidade de conteúdo – foram mais de 100 publicações sobre o tema em apenas três dias.

A pesquisa cumpriu a proposta de perceber que a imprensa colabora para espetacularização da morte a partir do momento que fomenta diferentes versões sobre o ocorrido, com abordagens distintas, dando voz e espaço para muitas fontes que estavam diferentemente envolvidas no caso – como os colegas de profissão, médicos, religiosos, familiares, etc – isso pode ser compreendido devido a grande quantidade de notícias com abordagens diversas, mas ainda sim tratando da morte de Senna.

Dentre os principais desdobramentos encontrados mediante a metodologia proposta estão os que inerentemente fazem parte do *post mortem* que são o laudo da autópsia, chegada do corpo e sepultamento; uma tendência de sugerir que o atleta teve algum tipo de pressentimento e não queria correr naquele dia, baseado em fala de sua companheira na época; um sensacionalismo ao tratar das condições físicas que acometeram Senna após o acidente, abusando do choque e do impacto nas publicações e outras repercussões mais relacionadas à Williams.

Com o término da análise, foi possível perceber o impacto que a perda de um ídolo nacional causa não somente nas pessoas, mas também na mídia e em toda dinâmica que envolve a produção do jornal. Como futuro jornalista, essa pesquisa me ajudou a perceber toda a dificuldade por trás de uma grande cobertura jornalística, desde ao choque e espanto com a morte do ídolo até ao processo de obtenção de fontes e novidades sobre a tragédia. Espero que essa monografia pode ser usada no futuro para mais trabalhos sobre a Folha de São Paulo ou de Ayrton Senna, dois objetos de estudo importantes para o Brasil.

REFERÊNCIAS

ALVES, Jussara; SEIXAS, Lia. **Do Que Se Trata Noticiabilidade**. Universidade Federal da Bahia, 2017.

ANGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue**: Um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995.

CAVERSAN, Luiz. **Introdução ao jornalismo diário**. São Paulo: Saraiva, 2009. Disponível em <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/>. Acesso em 22 de maio de 2020.

CHAVES, Rebeca. **Divergência do discurso na construção da notícia**: caso Bolsonaro. Monografia. Centro Universitário de Volta Redonda. Volta Redonda, 2015

CLEMENTE, Tatiany. **A função do lead no jornalismo impresso atual**. Brasília, 2005

FOLHA DE SÃO PAULO. **História da Folha**. 2019. Disponível em https://www1.folha.uol.com.br/institucional/historia_da_folha.shtml?fill=4. Acesso em 19 de maio de 2020.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Manual de redação**. São Paulo: Publifolha, 2010.

GARCIA, Mario. **Critérios de noticialidade**: Um estudo de caso da editoria de política do jornal diário do vale. Volta Redonda, 2018. Disponível em <https://drive.google.com/file/d/1hgfax7MSINloL9dYyDWEyrAXRxAfzygd/view?usp=sharing>. Acesso em 10 de abril de 2020.

HENN, Ronaldo. **Pauta e notícia**: uma abordagem semiótica. Editora da Ulbra, Canoas, 1996.

JUNIOR, Luiz. **A apuração da notícia**: métodos de investigação da imprensa. Editora Vozes, Petrópolis. 2006

LAGE, Nilson. **A Reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Editora Record. Rio de Janeiro, 2008

LONGHI, Naiara. **Sensacionalismo e Jornalismo Popular**: um estudo de caso. Universidade Federal de Santa Maria, 2005.

MOLINA, Matías. **História dos jornais no Brasil**. São Paulo: Schwarcz, 2015. Disponível em https://drive.google.com/file/d/17xX_dEkqi57Fy19v84XSwRudOAJ8tatF/view?usp=sharing. Acesso em 07 de maio de 2020.

PEDROSO, Rosa Nívea. A construção do discurso. Editora Annablume, São Paulo, 2001.

PENA, Felipe. **1000 perguntas sobre o jornalismo**. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

PEREIRA, Vitor Ojeda. **Casos de assédio na copa do mundo 2018: uma análise da reportagem do fantástico mediante uma perspectiva ética**. Monografia. Centro Universitário de Volta Redonda. Volta Redonda, 2019.

RODRIGUES, Ernesto. **Aryton: o herói revelado**. Objetiva, Rio de Janeiro, 2009.

ROSSI, Clovis. **O que é jornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SANTOS, Adelfio Machado dos. **Gutenberg: A Era da Imprensa**. Santa Catarina, 2012. Disponível em <http://periodicos.uniarp.edu.br/index.php/percepcoes/article/view/25/81>. Acesso em 05 de abril de 2020.

SANTOS, Allaisa; NETO, Aureliano; CONCEIÇÃO, Lucas. **O jornalismo impresso brasileiro e as novas tecnologias: perspectivas e inovações**. Curitiba, 2009. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-0397-1.pdf>. Acesso em 18 de maio de 2020.

SCARDUELLI, Paulo. **Ayrton Senna: Herói da mídia**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SCHMITZ, Aldo Antonio. **Fontes de notícias: ações e estratégias das fontes no jornalismo**. Florianópolis, SC. Editora Combook, 2011.

SILVA, Gislene. Para Pensar Critérios de Noticiabilidade. 2005

SILVA, Juliana. **Jornalismo Popular E Sensacionalismo: dois conceitos em dois contextos: os jornais o dia, última hora e extra nos anos 1950 e 2000**. Rio de Janeiro, 2007.

SILVEIRA, Guaracy et al. **Legislação aplicada à comunicação**. Porto Alegre: SAGAH, 2020.

SILVEIRA, Guaracy; SANGALETTI, Letícia; WAGNER, Cristina. **Introdução ao jornalismo**. Porto Alegre: SAGAH, 2018. Disponível em <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/>. Acesso em 25 de maio de 2020.

SOUSA, Fábio. **Ayrton Senna: o mito das pistas**. Juiz de Fora, 2008

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de teoria e de pesquisa da comunicação e dos media**. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2006. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-teoria-pequisa-comunicacao-media.pdf>. Acesso em 04 de maio de 2020.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos do Jornalismo Impresso**. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2001. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-de-jornalismo-impresso.pdf>. Acesso em 02 de maio de 2020.

SOUZA, Rose; MELO, José; MORAIS, Osvando. **Teorias da Comunicação: Correntes de pensamento e metodologia de ensino**. São Paulo, 2014. Disponível em <http://www.portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/8ba840f439e5d6b8c5eb6ce94faeca68.pdf>. Acesso em 10 de maio de 2020.

VASCONCELLOS, Alexandre. **O Brasil na Fórmula 1: os títulos e vitórias que transformaram o Brasil no país do automobilismo**. Aláude Editorial, São Paulo, 2013.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 6. Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.